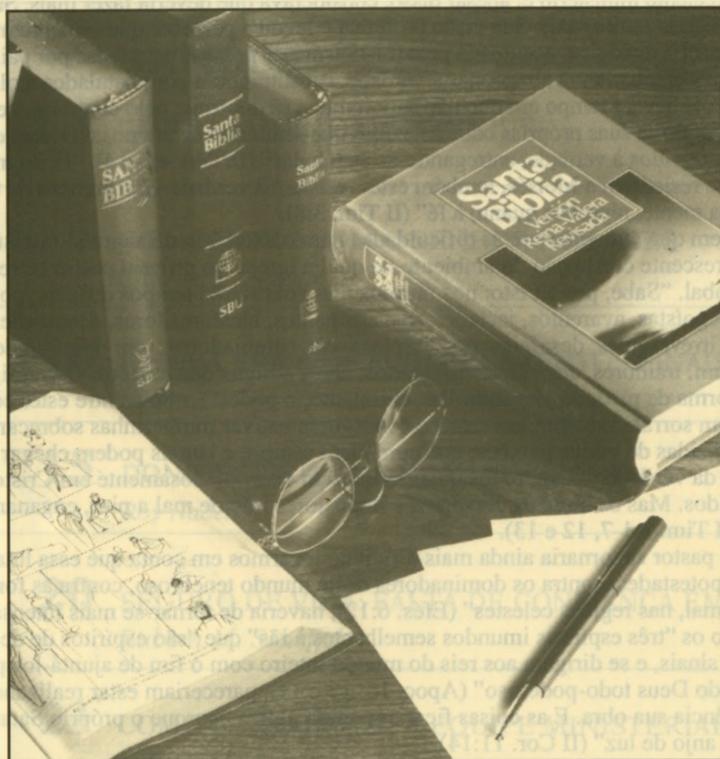


---

# MINIS/ÉRIO

---

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



## MEU TESTEMUNHO SOBRE ESTUDO DA BÍBLIA

# O pastor necessita atualizar-se

Quem imagina que a tarefa pastoral é fácil, possivelmente não é, nem foi pastor. São Paulo realizou um excelente ministério e, apesar disso, considerava que deveria fazer mais. Sabia que a tarefa se complicaria muito mais. Sua visão profética o levou a perceber que viriam tempos de grande complicação teológica, acentuada pelo misticismo de pessoas arrastadas por paixões pecaminosas que as levariam a abandonar a verdade, substituindo-a por postulados teológicos humanistas: "Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (II Tim. 4:3 e 4). "E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé" (II Tim. 3:8).

Outra área em que aumentariam as dificuldades para o exercício do sagrado ministério emanaria da crescente corrupção do ambiente no qual a igreja e o próprio pastor devem cumprir sua missão global. "Sabe, porém isto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. ... Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões, que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade. ... Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos. Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados" (II Tim. 3:1-7, 12 e 13).

A tarefa do pastor se tornaria ainda mais difícil ao levarmos em conta que essa luta "contra principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Efés. 6:12), haveria de tornar-se mais intensa no tempo do fim, quando os "três espíritos imundos semelhantes à rãs" que "são espíritos de demônio, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus todo-poderoso" (Apoc. 16: 13 e 14), pareceriam estar realizando com maléfica eficiência sua obra. E as coisas ficariam ainda piores "porque o próprio Satanás se disfarça como anjo de luz" (II Cor. 11:14).

O grau de complexidade aumentaria devido a Laodicéia não sentir sua necessidade. Crê que tudo está bem, e que até progride! "Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel é verdadeira, o princípio da criação de Deus: Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem das fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da Minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu" (Apoc. 3:14-17).

Que fazer para viver nosso ministério, sentindo a aprovação do doce olhar de nosso bom Jesus? Atualizar-nos!

Primeiramente, devemos experimentar uma genuína atualização de nossa vida espiritual com Cristo. Para nós, ministros, o viver deve ser Cristo, tal como foi para Paulo: "Porquanto, para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro" (Fil. 1:21).

E, em segundo lugar, atualizar nossa fé na direção e no poder do Senhor em nosso ministério: "não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica". – *Daniel Belvedere.*

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64- Número 4 -Jul/Ago. 1993 -Periódico Bimestral  
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

## EDITORIAL

- 2** O PASTOR NECESSITA ATUALIZAR-SE  
*Daniel Belvedere*
- 

## ARTIGOS

- 4** UM TRATAMENTO DE CHOQUE  
*Kevin L. Morgan*
- 
- 6** O ENCONTRO COM O SENHOR NOS ARES  
*Charles V. Jenson*
- 
- 10** A NOVA ERA E OS ACONTECIMENTOS FINAIS  
*Elizeu C. Lira*
- 
- 15** DONS ESPIRITUAIS E EVANGELISMO  
*Roy Naden*
- 
- 20** SEGURO DE VIDA: FALTA DE CONFIANÇA EM DEUS?  
*Rubem M. Scheffel*
- 
- 23** COMO FORTALECER A EQUIPE MINISTERIAL  
*J. H. Zachary*
- 
- 25** MEU TESTEMUNHO SOBRE ESTUDO DA BÍBLIA - I  
*Mario Veloso*
- 

**Gerente Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefté Carvalho, Moisés Batista de Souza.

**Capa:** William

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970 - Brasília, DF.

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000 - Tatuí, SP.

1378.0

# Um tratamento de choque

STEVE HUEY

Como um pastor enfrentou uma surpreendente acusação.

**O**s tratamentos com choques elétricos no cérebro são algumas vezes úteis no tratamento de uma doença mental, especialmente a depressão. Eles são usados como um último recurso para forçar os impulsos do pensamento já enraizado, passando a uma nova forma de pensar e um novo equilíbrio na vida.

Esta terapia de choque foi exatamente a que recebi em uma tarde quente de domingo. Não me sentia deprimido. Não me encontrava em uma clínica, diante de um terapeuta segurando um instrumento ameaçador. Ocorreu quando estava indo para casa, voltando de uma reunião campal, com minha esposa, Elaine, e nossa filhinha. Enquanto eu dirigia, passando pela Usina Nuclear de Hanford, Elaine lançou uma bomba. Virou-se para mim e disse: “Steve, você está tendo um caso e estou sofrendo por isso”. Quando olhei para seus olhos sérios, quase saí da estrada.

“Não tenho intimidade com qualquer outra mulher”, eu disse.

“Sim”, ela retrucou. “Você tem. Tenho-o visto frequentemente com ela e estou com ciúmes.”

Fiz uma revisão mental. Que estava ela querendo dizer? Eu era zeloso a tal ponto de levar alguém comigo quando tinha que fazer uma visita a uma mulher.

“Você está falando sério”, eu disse após um longo silêncio. “Isso é uma acusação, uma incriminação. Você crê nisso? Alguém disse alguma coisa a você?” O silêncio encheu o carro, exceto por uns soluços abafados. Ela apanhou um lenço.

“Ninguém falou nada comigo sobre isso. Eu estive apenas observando”, ela disse finalmente. “O caso que você está tendo é com uma mulher. É a mulher descrita por João em Apocalipse – a Igreja.”

Senti um alívio momentâneo. “Ufa! Pensei que você estivesse se referindo a um caso real com uma pessoa de fato”, respondi.



“Ela é uma mulher real e uma verdadeira ameaça a nosso lar”, Elaine replicou.

Procurei assegurar-lhe de meu amor, de que ela era a primeira em minha vida, mas meus esforços foram em vão.

Continuamos silentes ao longo do percurso. Senti-me molestado por não poder convencê-la de que ela era muito importante para mim. Sinto-me pesaroso quando não posso resolver as coisas imediatamente. “E agora, Senhor”, pensei. “Ela está certa?”

O Espírito Santo falou-me. Comecei a ver em uma nova luz. Pensei sobre como Elaine havia repetidamente tentando chamar a minha atenção. Eu sempre estava ao telefone ou saindo em disparada para alguma reunião importante. Ela continuou sinalizando, mas eu estava “ganhando” almas. Meus motivos

eram sinceros. Desejava ver a vinda do Reino, mas havia negligenciado nosso relacionamento.

“Elaine”, reiniciei a conversa, “vou começar a ter um dia livre por semana. Vou...”

Elaine me interrompeu: “Não, não me diga o que você vai fazer. Você é semelhante a um alcoólatra. Já ouvi essas promessas antes. Não quero ouvi-las de novo”.

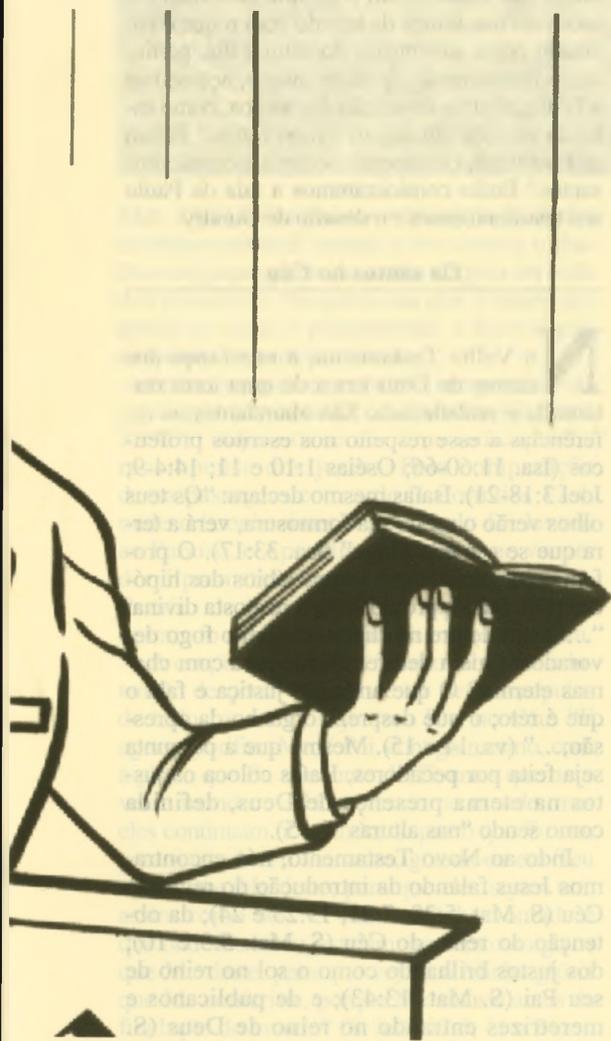
Cheguei em casa com os olhos vermelhos e desencorajado. Naquela noite apresentei ao Senhor a minha dor. Eu estivera sobrecarregado no acampamento, assumindo as responsabilidades de dois ministros que não haviam aparecido para ajudar. Não houve tempo para conversar com Elaine. Estive tão ocupado fazendo o trabalho do Senhor, e assumi que nosso ótimo relacionamento sempre seria o mesmo. Poderia nosso amor estar morrendo? Poderia ele se esgotar e enrijecer-se?

A dor tornou-se mais intensa para mim nos dias que se seguiram. O Senhor me mostrou meu desequilíbrio. Havia posto a Igreja em primeiro lugar; Deus em segundo; e minha família por último. Humildemente entreguei todo o meu trabalho na igreja ao Senhor. A paz inundou-me. A insegurança e o temor haviam me levado a uma sobrecarga de trabalho para Deus – 70 a 80 horas por semana. Sentia-me esgotado.

Uma contemplação prolongada do Calvário começou a mudar minhas prioridades. Entreguei a Jesus minha carga de estudos bíblicos. Estranhamente, uma a uma, nos meses seguintes, as pessoas foram concluindo seus estudos. Normalmente eu estava exasperado, mas agora via que Deus me sujeitou a fim de que Ele pudesse iniciar a edificação à Sua maneira. Ele livrou-me do papel de salvador. Agora quero que Ele me mostre como, quando e onde ministrar. Tenho um dia livre por semana, e passo algum tempo diariamente com minha família.

Eféios 5:25 tornou-se um novo texto para mim. A alegria entrou em meu lar. Contrariamente ao que eu temia, a igreja prosperou. Tornei-me um homem feliz. Finalmente, aprendi a colocar as prioridades em seu devido lugar: Deus, a família e, então, o trabalho. Exatamente assim.

Tratamento de choque! Necessitava precisamente disso. Deus usou uma esposa de oração para me ajudar. Obrigado, Elaine!



Angela

# O encontro com o Senhor nos ares

---

CHARLES V. JENSON

Pastor em Kansas City, Kansas, EUA

---

Um estudo feito por Robert H. Gundry sobre a escatologia de Paulo na epístola aos tessalonicenses<sup>1</sup> tem apresentado um interessante desafio à compreensão adventista do sétimo dia a respeito do retorno de Cristo e a ascensão dos santos ao Céu.

De acordo com as conclusões de Gundry, a passagem de I Tessalonicenses 4:15-17 fala de Cristo retornando em glória, sendo recebido nas nuvens por Seus santos, e descendo à Terra. Gundry crê que Paulo adaptou as palavras de Jesus relatadas em São João 11:25 e 26, concernente à ressurreição, para anunciar aos crentes de Tessalônica o Seu retorno. Defende ainda o argumento de que Paulo “helenizou” os ensinamentos de Cristo para seus leitores gentios. O uso que faz o apóstolo de palavras tais como *parousia* (vinda) e *apantesis* (encontro), junto à referência aos sons de trombeta, contribui para que Gundry veja na descrição feita por Paulo da volta de Cristo, os traços de uma antiga figura imperial aproximando-se de uma cidade. Em tal ocasião, os cidadãos deveriam sair fora dos portões, encontrar a personagem imperial e escoltá-la de volta à cidade. Gundry destaca que a palavra *apantesis* é usada na literatura antiga para descrever semelhante encontro cerimonial.<sup>2</sup>

As implicações da posição de Gundry são óbvias: se Cristo desce à Terra oriundo do “encontro nos ares”, e estabelece Seu reino terrestre ao mesmo tempo, uma ascensão não pode ser parte do complexo de eventos por ocasião do Seu retorno. Conquanto tal interpretação seja comumente usada para refutar a teoria dispensacionista do “arrebatamento secreto”,<sup>3</sup> o desafio ao tradicional ensino adventista também é claro. Diante disso, afloram duas importantes questões: estaria correta a interpretação de Gundry sobre I Tess.

4:15-17? Estaria correto o ensino adventista a respeito da ascensão dos santos?

Este artigo apresentará quatro evidências bíblicas que estabelecem o retorno de Cristo e a ascensão dos santos de acordo com o que é ensinado pelos adventistas do sétimo dia, partindo, primeiramente, de duas interrogações: Faz a Bíblia alguma descrição dos santos, como estando no Céu em algum tempo futuro? Falam as Escrituras, claramente, sobre a ascensão dos santos? Então consideraremos a fala de Paulo aos tessalonicenses e o desafio de Gundry.

---

## Os santos no Céu

---

No Velho Testamento, a esperança dos santos de Deus era a de uma terra restaurada e embelezada. São abundantes as referências a esse respeito nos escritos proféticos (Isa. 11:60-66; Oséias 1:10 e 11; 14:4-9; Joel 3:18-21). Isaías mesmo declara: “Os teus olhos verão o rei na sua formosura, verá a terra que se estende longe” (Isa. 33:17). O profeta coloca uma questão nos lábios dos hipócritas de Sião e providencia a resposta divina: “...Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Quem dentre nós habitará com chamas eternas? O que anda em justiça e fala o que é reto; o que despreza o ganho da opressão;...” (vs. 14 e 15). Mesmo que a pergunta seja feita por pecadores, Isaías coloca os justos na eterna presença de Deus, definida como sendo “nas alturas” (v. 5).

Indo ao Novo Testamento, nós encontramos Jesus falando da introdução do reino do Céu (S. Mat. 5:20; 7:21; 19:23 e 24); da obtenção do reino do Céu (S. Mat. 5:3 e 10); dos justos brilhando como o sol no reino de seu Pai (S. Mat. 13:43); e de publicanos e meretrizes entrando no reino de Deus (S.



A. Rios

Mat. 21:31). Frequentes referências de Jesus ao reino celestial tinham a ver com o trabalho da graça operando então e agora na vida dos pecadores. No ponto em que o futuro aspecto do reino é proeminente, a localização não está claramente descrita.

Jesus assegurou ao ladrão arrependido na cruz que ele estaria no Paraíso (S. Luc. 23:43).<sup>4</sup> Aqui nós temos uma indicação da recompensa dos justos. Pela comparação dessa passagem com a de II Coríntios 12:4, onde o “conhecimento” de Paulo foi levado ao Paraíso, e Apocalipse 2:7, onde ao vencedor é prometido comer da árvore da vida no Paraíso de Deus, está claro que em algum momento no futuro os justos estarão no Céu.

A oração de Jesus em S. João 17 revela a intenção de nosso Senhor de ter Seus discípulos de todos os tempos, junto a Ele, no Céu: “E agora, glorifica-Me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo. ... Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que Eu vou para junto de Ti. Pai santo, guarda-os em Teu nome, que Me deste, para que eles sejam um, assim como nós. ... Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste, para que vejam a Minha glória que Me conferiste, porque Me amaste antes da fundação do mundo” (S. João 17:5, 11 e 24).

Outras passagens do Novo Testamento apontam para o Céu como o lugar de habitação do povo de Deus. O escritor do livro aos Hebreus (11:10) fala de Abraão vendo “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”. Ele e outros patriarcas desejaram “uma pátria superior” (v. 16). Em Efés. 2:6 e 7, Paulo fala dos remidos assentados “nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da Sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus”. Finalmente, o apóstolo João descreve a recompensa celestial: “Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do Meu Deus, e daí jamais sairá; ... dar-lhe-ei sentar-se comigo, no Meu trono,... (Apoc. 3:12 e 21). João também viu a grande multidão de pé diante do trono de Deus e do Cordeiro (Apoc. 7:9-17), tendo vindo de grande tribulação.

De tudo o que foi anteriormente mencionado, podemos concluir que os justos estarão por algum tempo, no futuro, no Céu.<sup>5</sup>

#### A ascensão

**A**gora, a segunda questão: Fala a Bíblia, claramente, dos santos sendo tomados e transportados para o Céu, por ocasião da volta de Cristo? Jesus falou de Seus anjos



A. Rios

reunindo, por ocasião de Sua vinda, os eleitos dos quatro cantos, de uma a outra extremidade da Terra (S. Mat. 24:31; Sal. 50:1-5), num movimento lateral, não necessariamente vertical.

Nos escritos de Paulo, mesmo no grande capítulo da ressurreição (I Cor. 15), nada é dito a respeito de alguém ser tomado para o Céu. I Tess. 4:13-18 tampouco menciona uma ascensão ao Céu. Os santos serão “arrebataados”<sup>6</sup> entre nuvens para o encontro com o Senhor nos ares. Nada é dito da direção da viagem. Paulo assegura-nos que estaremos sempre com o Senhor (v. 7), mas deixa-O, com Sua amada Igreja, suspenso nos ares.

O evangelho de João, no entanto, sugere uma viagem real para o Céu quando Jesus voltar. Nos três primeiros versos do capítulo 14 Ele claramente menciona que ia preparar moradas para Seus discípulos, na casa de Seu Pai. É no Céu a habitação do Pai, para onde Ele dissera anteriormente que iria (S. João 7:33). O Senhor Jesus também externou Seu propósito de voltar – “virei outra vez” (S. João 14:3) –, e reunir Consigo Seus discípulos. Isso é muito claro nas palavras “e vos receberei para Mim mesmo”.

Porventura, o verbo “receber” implica uma viagem para o Céu? Em resposta a essa pergunta, devemos considerar duas observações. Primeira, o verbo é uma forma composta de *lambano* (tomar), que significa “tomar para si mesmo”, “tomar junto”, ou “tomar com”.<sup>7</sup> O uso da forma composta *para-lambano* certamente acomoda, e, de fato, sugere fortemente, a idéia de que Jesus toma Seus santos, para cima, às moradas que preparou para eles.

A segunda observação é que o contexto ao redor do verbo faz a ascensão para o Céu, imperativa. Jesus está retornando do Céu, para levar-nos para o Céu.

### O que Paulo disse

**V**oltando nossa atenção às palavras do apóstolo Paulo aos cristãos tessalonicenses, vemos alguns elementos chaves na passagem em consideração.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que esse texto, segundo Gundry indica, possui palavras que evocam a imagem de uma visita imperial. As palavras *parousia* (v. 15) e *apantesis* (v. 17) estão associadas com o clamor do anjo precursor e o som da trombeta. Cristo em Sua posição como Senhor imperial, vem descendo. Em S. João 2:19 e 20, Paulo associa glória, alegria, e uma coroa de exaltação à *parousia* de Cristo, enaltecendo o evento. Esse fato não significa, porém, que o retorno do Senhor Jesus corresponda ao modelo helenístico, em todos os aspectos.

A palavra *parousia* (vinda), embora frequentemente usada no sentido especial descrito acima,<sup>8</sup> também é vastamente usada na forma comumente conhecida. Isto ocorre 24 vezes no Novo Testamento: seis vezes em conexão com a chegada de Paulo ou seus associados, uma vez incluindo o homem do pecado (II Tess. 2:9), e, nas vezes restantes, ela está relacionada com a volta de Cristo. Há tantas diferenças entre o modelo imperial e as inúmeras passagens nas quais *parousia* anuncia volta de Cristo, que

muitos necessitam fazer um grande esforço para tornar os dois eventos exatamente paralelos.<sup>9</sup> Note-se, por exemplo, os sinais especialmente preditos da *parousia* de Cristo: os falsos sinais, os falsos Messias, o brilhante acompanhamento, nuvens (S. Mat. 24:24, 27, 29 e 30; Apoc. 1:7).

No que tange à palavra *apantesis*, um forte depoimento deve ser feito a favor de Gundry, considerando o emprego que dela se faz no Novo Testamento. A palavra aparece em três outros lugares: Em S. Mat. 25:1 e 6, as dez virgens são chamadas para ir ao encontro<sup>10</sup> com o noivo. As cinco virgens prudentes reúnem-se com ele e então o acompanham para a festa. Em Atos 28:15, os crentes de Roma ouvindo da aproximação de Paulo como um prisioneiro, saíram até à Praça de Ápio e às Três Vendas para encontrá-lo e, presumivelmente, escoltá-lo de volta a Roma.

Entretanto, a palavra *apantesis* nada possui em si mesma que requeira tal interpretação. Em cada caso, o contexto deve ser o fator determinante. *Apantesis* simplesmente significa “uma reunião”, “um encontro”. A Septuaginta também a usa nesse mesmo sentido (I Sam. 15:12).

F. F. Bruce, comentando I Tessalonicenses 4:17, cita exemplos do uso imperial de *apantesis*, e então conclui:

“Essas analogias (S. Mat. 25 e Atos 28), especialmente em associação com o termo *parousia*, sugerem a possibilidade de que o Senhor esteja sendo mostrado aqui como escoltado em Sua grande viagem para a

Terra por Seu povo... Mas não existe nada na palavra *apantesis* que favoreça essa interpretação. Não pode ser determinado, do que é dito aqui, se o Senhor (com Seu povo) continua Sua jornada para a Terra ou retorna ao Céu.”<sup>11</sup>

Como é tão freqüente o exemplo, uma só passagem dentre as consideradas acima, deveria levar-nos à mesma conclusão; mas quando colocada no contexto de todas as outras passagens sobre o assunto, deve levar-nos a uma conclusão diferente. Paulo deve ter sido influenciado pelas cenas imperiais ao escrever I Tess. 4:15-17, mas essa imagem logo empalidece, quando em comparação com a própria cena que ele descreveu. Quando devidamente esclarecido por S. João 14:1-3 e por outros textos, fica claro que I Tess. 4:15-17 deve se ajustar, quando muito, a apenas alguns aspectos do modelo helenístico.

Cristo, de acordo com Paulo, retornará e tomará para Si Seus escolhidos. É até possível que a mensagem helenística esteja completamente invertida na Bíblia. Depois de tudo, é a Igreja de Deus de todos os tempos que prevalece e tem sido vitoriosa sobre Satanás (Apoc. 12:11), e cada vencedor sentará no trono (Apoc. 3:21). Uma vez que o conflito esteja passado, Cristo abrirá os portões da cidade celestial, e, então, com as hostes angelicais, deixa a Nova Jerusalém e desce para encontrar e escoltar Seus vitoriosos santos para a cidade eterna. “E assim estaremos sempre com o Senhor.”

#### Referências

1. Robert H. Gundry, “The Hellenization of Dominical Tradition and Christianization of Jewish Tradition in the Eschatology of 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> Tessalonian”, *New Testament Studies* 33, 1987, págs. 161 a 178.
2. Gundry, págs. 162 a 166.
3. Entre os dispensacionalistas há muitas escolas de pensamento sobre o arrebatamento secreto. Não vamos distingui-las aqui. Por arrebatamento secreto, referimo-nos à doutrina segundo a qual Cristo retorna em segredo, apenas para os crentes, para raptar a Igreja, quieta e misteriosamente nas nuvens para o Céu, onde permanecerão por sete anos. Depois desse período, Cristo voltará em glória com Seus santos.
4. A idéia popular de que o ladrão arrependido foi transportado ao Paraíso no mesmo dia da sua morte, é falha diante do ensino bíblico sobre a natureza do homem na morte. A Bíblia descreve a morte como um estado de inconsciência. Um sono. Na cruz, Cristo deu ao ladrão arrependido a segurança imediata, “hoje”, que ele estaria, após a ressurreição, com Jesus no Céu.
5. Os adventistas do sétimo dia ensinam a Segunda

- Vinda de Jesus e a ascensão dos santos como inaugurando o Milênio, e que os santos estarão mil anos no Céu, segundo Apocalipse 20. Ao fim desse período, a Nova Jerusalém descerá, o julgamento final terá lugar, e a Terra será restaurada à beleza edênica para tornar-se o lar eterno de bênçãos para os remidos.
6. Do grego *harpazo*, de onde traduzimos a palavra “arpoar”, que significa “apanhar”, “surrupiar”, etc. Ver F. W. Gingrich, *Shorter Lexicon of the Greek New Testament*, Imprensa da Universidade de Chicago, Chicago, 1985, pág. 28.
7. Gingrich, págs. 161 e 162.
8. Gundry, págs. 162 e 163.
9. Comumente, os escritores do Novo Testamento empregam palavras e imagens gregas, mas envolvendo-as com distintos significados cristãos.
10. Curiosamente muitas versões da Bíblia, incluindo a *King James Version* e a *New King James Version*, traduzem o substantivo *apantesis* como um infinitivo em cada uma dessas quatro ocorrências.
11. F. F. Bruce, *I and II Thessalonians*, in David A. Hubbard e Glenn W. Barker, *Word Biblical Commentary*, Vol. 45, Waco, Texas; 1982, págs. 102 e 103.

# A Nova Era e os acontecimentos finais

---

ELIZEU C. LIRA

*Redator na Casa Publicadora Brasileira*

---

**A**cho, como diz a Bíblia, que o fim dos tempos se aproxima e acho também que as pessoas precisam se conscientizar disso. Não sou eu a única pessoa a ter esse tipo de preocupação. Muita gente está preocupada com o fim dos tempos.” Essas palavras foram ditas pelo cantor popular Roberto Carlos, há algum tempo. Embora sejam desconhecidas as reais motivações de sua declaração, ela se reveste de significado na seqüência dos últimos acontecimentos.

No mundo evangélico, várias afirmativas parecidas têm sido feitas. Parece que, de modo quase geral, os religiosos encontram-se atentos aos movimentos no “tabuleiro” das últimas ocorrências. Para muitos observadores, o cenário já está montado para o grande desfecho da História. Tudo seria uma questão de pouco tempo.

Há uma grande batalha diante de nós, a última luta a ser travada antes do retorno triunfal do nosso Senhor Jesus Cristo e do conseqüente arrebatamento dos fiéis. Esse embate final será travado não no campo militar. Não será uma luta física, mas, sim, uma grande contenda no campo espiritual. Terá que ver com decisões e tomadas de posicionamentos no âmbito religioso. O apóstolo Paulo faz alusão às nossas pequenas lutas diárias, preconizando esse conflito final: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do

mal, nas regiões celestes” (Efés. 6:12).

O Apocalipse, por sua vez, fala sobre a arregimentação estratégica e o alinhamento de forças para esse último embate: “Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus todo-poderoso. ... Então os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom” (Apoc. 16:13, 14 e 16).

---

## O encaixe da Nova Era

---

**C**omo vimos em artigo anterior (*Ministério, março/abril 93*), nestes últimos anos um grande movimento, com raízes profundas no passado, tem cada vez mais ocupado espaço e granjeado adeptos. Através do seu amplo espectro de atuação (envolvendo as áreas política, religiosa, social, econômica, educacional, de saúde e de lazer), o Movimento Nova Era vem concentrando poder e aglutinando forças, com vistas à formação de um grande alinhamento político-econômico-religioso que lhe dê condições de alterar radicalmente o nosso planeta. Quando ouvimos ou lemos as palavras dos maiores expoentes desse movimento, enunciando os seus objetivos, vemos que ele se encaixa como luva no cenário do último conflito. Segundo a socióloga

americana Marilyn Ferguson, autora do livro *A Conspiração Aquariana*, “está-se armando uma vigorosa rede, sem lideranças, que trabalha para transformar radicalmente o nosso mundo. Os seus membros libertaram-se de determinadas concepções que marcam a mentalidade ocidental... essa rede é a conspiração suave sob o signo de Aquário.”<sup>2</sup> Alice Bailey (1880 – 1949), uma das fundadoras do movimento, faz uma afirmação complementar bastante significativa: “Há anos eu dizia que a guerra, que viria depois desta, seria travada no campo das religiões mundiais ... Ela será travada, principalmente, no campo espiritual usando as idéias. Também abrangerá o campo emocional, e isso em referência ao posicionamento de idealismo fanático dos fundamentalistas. Este fanatismo enraizado, que sempre pode ser encontrado nos grupos reacionários, irá combater o surgimento e a expansão da religião vindoura e o esoterismo... É de se esperar que eles vão lutar pela ordem vigente ... eles estão se preparando para isto. A futura batalha será travada dentro das igrejas.”<sup>3</sup>

### Domínio das consciências

**A**o descrever o quadro dos eventos finais, tanto a Bíblia como o Espírito de Profecia falam da efervescência religiosa, da grande disseminação de enganos, de mistura com a verdade e da profusão de sinais e prodígios. Antes da vinda de Cristo existirá um estado de decadência religiosa semelhante aos primeiros séculos. Serão dias de confusão espiritual, falsas doutrinas e apostasia.<sup>4</sup>

Ellen G. White afirma: “Foram-me mostradas as heresias que haviam de surgir, os enganos que prevaleceriam, o poder de Satanás para operar milagres – os falsos cristos que aparecerão – que enganarão a maior parte, mesmo do mundo religioso, e que, se possível, desviariam até os próprios eleitos.”<sup>5</sup>

Nesse contexto, vemos que o diabo, através de todos os seus agentes, estará operando com todos os recursos possíveis, prodígios de engano, para aumentar suas possibilidades de êxito em atrair, se possível, o mundo inteiro para o seu lado. “Operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados, e sinais e maravilhas seguirão

aos crentes. Satanás também opera prodígios de mentira, fazendo mesmo descer fogo do céu, à vista dos homens (Apoc. 13:13). Assim, os habitantes da Terra serão levados a decidir-se.”<sup>6</sup>

O livro do Apocalipse, ao apresentar os eventos finais, coloca diante de nós a atuação de poderes hostis ao povo de Deus. Após a tomada de decisão, quando todas as pessoas se posicionarem de um dos dois lados da contenda, será movida fortíssima perseguição aos fiéis a Deus e a Sua Palavra. Entre os poderes opressores comandados pelo dragão, contra o povo de Deus, encontram-se a besta que emerge do mar (símbolo de Roma papal) e a besta que emerge da terra (símbolo dos Estados Unidos da América do Norte).

Quanto à confirmação da identidade da segunda besta, Ellen G. White é clara: “Que nação do Novo Mundo se achava em 1798 ascendendo ao poder, apresentando indícios de força e grandeza, e atraindo a atenção do mundo? A aplicação do símbolo não admite dúvidas. Uma nação, e apenas uma, satisfaz às especificações desta profecia; esta aponta insofismavelmente para os Estados Unidos da América do Norte.”<sup>7</sup> É afirmado que a segunda besta “exerce toda a autoridade da primeira besta, na sua presença...” (Apoc. 13:12) Essa colocação deixa claro que o poder religioso, simbolizado pela primeira besta, encontraria total respaldo na segunda besta ao exercer as suas atividades no campo espiritual; a segunda besta viria a ser promotor e agente da primeira nos seus negócios. Durante o clímax do seu poderio, a primeira besta exerceu autoridade sobre vasta área, tanto em matéria religiosa como política. E agora, no final da história, quando a sua “ferida mortal” estiver totalmente curada, ela voltará a dominar o cenário (Apoc. 13:3 e 12).

### Formando a imagem

**C**omo vimos, o poder de influência e intimidação da primeira besta deriva do forte apoio que lhe é prestado pela segunda besta. Esta fará com que “a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à Terra, diante dos homens”

(Apoc. 13:13). "Não se acham aqui preditas meras imposturas. Os homens são enganados por sinais que os agentes têm poder para fazer, e não pelo que pretendam realizar."

Não podemos esperar que os sinais ou milagres mencionados ocorram até que tenha sido restaurado o poder da Igreja-Estado. Isso acontecerá como resultado da completa cura da "ferida mortal", quando o papado voltará a ter o mesmo poderio que exerceu no passado, no período de 538 a 1798 d.C. O autor da *Lição da Escola Sabatina* do 3º trimestre de 1989, Carl Coffman, afirmou: "Atualmente estamos vendo certos acontecimentos que convergem para esse ponto. O Movimento Nova Era, o misticismo oriental, o espiritismo e o espiritualismo estão contribuindo para levar o mundo à aceitação dos enganos de que fala Apocalipse 13".<sup>9</sup>

"A imagem da primeira besta seria uma organização que operasse mais ou menos de acordo com os mesmos princípios que os da organização representada por essa besta. Entre os princípios de acordo com os quais atuava a primeira besta, pode ser mencionado o uso do poder secular para apoiar instituições religiosas. Como imitação disso, a segunda besta repudiará seus princípios de liberdade. A Igreja induzirá o Estado a impor os seus dogmas. O Estado e a Igreja se unirão, e o resultado será a perda da liberdade religiosa e a perseguição das minorias dissidentes."<sup>10</sup> Como nos lembra apropriadamente Uriah Smith, "os governos podem guerrear contra outros governos, para vingar alguma afronta, real ou imaginária, ou para adquirir território e estender o poder; mas os governos não perseguem ninguém por causa da sua religião, a não ser instigados por algum sistema religioso oposto ou hostil."<sup>11</sup>

O poder da besta semelhante a um cordeiro pressionará as pessoas em todas as partes da Terra no sentido de adorarem à primeira besta, cujo poder terá sido restaurado. Ela imporá supremo respeito por Roma papal e exigirá que todos os habitantes da Terra prestem culto de acordo com os ditames papais.<sup>12</sup>

"A profecia aponta aí para a aprovação de alguma medida religiosa, cuja observância seria considerada um ato de adoração, pois que o adorador, observando-a, reconhece a autoridade da primeira besta em assuntos de religião."<sup>13</sup>

**E**xiste uma expressão, no campo da Química, que com freqüência é empregada figurativamente para ilustrar o controle ou velocidade de qualquer atividade. Trata-se do termo catalisar, que, especificamente, significa "acelerar ou retardar uma ação química".<sup>14</sup> Elemento catalisador, por inferência, seria o agente que estaria no comando de um processo, provocando-o, acelerando-o, retardando-o ou incentivando-o. Carl Coffman faz uma inquirição oportuna: "Quem, finalmente, dominará os poderes representados pela besta semelhante a leopardo e a besta de dois chifres (o falso profeta), e será a fonte desses prodígios enganosos?"<sup>15</sup>

A Bíblia responde a essa indagação: "Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a pelega do grande dia do Deus todo-poderoso" (Apoc. 16:13 e 14).

A profecia é clara. Espíritos de demônios dominarão esses poderes e serão a fonte da operação de prodígios. O espiritismo moderno originou-se nos Estados Unidos em 1848, por meio da família Fox, em Hydesville, Nova Iorque. A partir daí, ele desenvolveu-se cada vez mais até transformar-se num gigantesco movimento mundial. "O espiritismo... que teve ingresso nos centros científicos, invadiu igrejas e alcançou favor nas corporações legislativas e mesmo nas cortes reais, esse grande engano, não é senão o reaparecimento, sob novo disfarce, da feitiçaria condenada e proibida na antiguidade".<sup>16</sup>

### Fonte de promoção

**O**Movimento Nova Era tem sua origem e base de sustentação no espiritismo. Nele encontramos das atividades ritualísticas mais antigas do paganismo às mais recentes práticas e crenças das novas correntes esotéricas; das mais chocantes e bizarras cerimônias, e cultos como os rituais de magia negra com sacrifícios humanos, às mais refinadas e atraentes práticas



William

espíritas, tais como parapsicologia, energização, teosofia, ufologia, neurolingüística, etc. “Esta nova religião recorre a todas as fontes de ocultismo que sempre foram conhecidas pela humanidade”.<sup>17</sup>

A Bíblia afirma claramente que “são espíritos de demônios” que estariam no controle de todas essas movimentações dos últimos dias como condutores do processo que visa preparar o mundo para a implantação de um governo mundial, o reinado do anticristo. O espiritismo, como foi visto, é esse elemento de aglutinação entre as forças que operam no sentido de estabelecer as condições propícias à formação da imagem da besta e ascensão de um líder que procurará impor uma nova ordem sócio-político-econômico-religiosa no mundo.

Segundo Marco André, “existe um movimento de proporções mundiais preparando esse caminho por intermédio da mistificação. As barreiras do ceticismo têm caído e um número cada vez maior de pessoas aderem às crenças místicas. As organizações esotéricas têm arrebanhado um número sempre crescente de novos adeptos, acusando um crescimento sem precedentes”.<sup>18</sup>

Carl Coffman corrobora essa mesma visão: “O Movimento Nova Era, com suas

raízes no ocultismo e no misticismo oriental, impregna todos os níveis da sociedade, influenciando as pessoas nos negócios, nos serviços de saúde, na educação e nos entretenimentos. Não é de admirar que Deus nos advirta da queda de Babilônia e apele para que Seu povo se retire dela (Apoc. 18:4 e 5)”.<sup>19</sup>

O Dr. Siegfried Schwantes é taxativo ao afirmar: “Trata-se de um movimento ao mesmo tempo político, filosófico e religioso que visa entregar o planeta à direção de Lúcifer”.<sup>20</sup>

### O clímax do engano

**D**escrevendo os acontecimentos finais que precedem o retorno de Jesus à Terra, Ellen White alerta para a explosão do espiritismo, sob todas as formas e disfarces, afirmando que ele “está prestes a cativar o mundo. ... Um poder sobre-humano está operando de várias maneiras, e poucos têm a idéia do que será a manifestação do espiritismo no futuro.”<sup>21</sup> Ela menciona ainda que o “ato culminante no grande drama do engano” será quando “o próprio Satanás personificará a Cristo”.<sup>22</sup>

Não temos a menor dúvida em afirmar

que o Movimento Nova Era está trabalhando de forma direta e intensiva no cumprimento dessa profecia. Entre seus objetivos está a implantação de uma nova liderança espiritual. O novo líder, o avatar da Era de Aquário, é chamado Lord Maitreya, o instrutor ou Mestre Saint Germain. Worlds Goodwill, destacado adepto da Nova Era, falando sobre o avatar, diz que "hoje o reaparecimento do instrutor do mundo – o Ungido – é esperado por milhões... O instrutor mundial vindouro estará preocupado não com o resultado ou erros passados e insuficiências, mas, sim, com as necessidades de uma nova ordem mundial e com a organização da estrutura social".<sup>23</sup>

Como lembra Marco André, eles fazem uma importante distinção entre Jesus e o Cristo (Lord Maitreya) que voltará. O cristo que eles estão anunciando e levando milhões de pessoas a aguardá-lo. Benjamim Creme, que se diz porta-voz do Maitreya, explica essa distinção dizendo que Jesus é um discípulo de Maitreya. Dessa forma, Jesus teve o Seu momento de Cristo, todavia não o é mais.<sup>24</sup>

A preparação do mundo, o condicionamento das pessoas através de mensagens diretas e subliminares, está em curso há dezenas de anos. As peças se encaixam com precisão. O cenário final já está praticamente montado e o protagonista maior na obra do engano está sendo anunciado como estando prestes a assumir o papel que lhe cabe nestes últimos dias. A presença do chamado Fator Lúcifer, dentro do Movimento Nova Era, é um dos maiores indicativos dessa realidade.

Durante o II Congresso Holístico Internacional, ocorrido em julho de 1991, em Belo Horizonte, MG, Carlos Byngton afirmou que Lúcifer não é um ser maligno. Segundo Byngton, o cristianismo cometeu um grande engano em atribuir caráter maligno a Lúcifer.<sup>25</sup> Essa afirmação está de acordo com o que Alice Bailey dizia: "Lúcifer é o dono e senhor da humanidade".

George King, o inglês que é a luz orientadora da Sociadade Aetherius, sediada em Los Angeles, afirma ter entrado em contato com o "Mestre Jesus", e com uma multidão de inteligências espaciais. Ele prediz que "um novo mestre virá, em breve e publicamente, ... em um disco voador".<sup>27</sup>

**A**o Jesus proferir o Seu sermão profético, ocasião em que enunciou os eventos finais que precederiam Sua segunda vinda, Ele destacou de forma especial a obra do engano nos últimos dias. Alertou quanto aos falsos cristos e falsos profetas. Com efeito, eles já estão agindo. O claro cumprimento dos sinais mencionados por Cristo é o maior indicativo de que Seu retorno está prestes a ocorrer.

Que essa constatação nos leve a considerar mais atentamente a advertência que fez nosso Salvador: "Assim também vós, quando virdes todas estas coisas, sabe que o fim está próximo, às portas" (S. Mat. 24:33).

#### Referências

1. Jornal *Correio Braziliense*, 9 de dezembro de 1986, pág. 21.
2. Gerhard Sautter, *A Nova Era à Luz do Evangelho*, pág. 99.
3. Alice Bailey, *The Eternalisation*, págs. 453 e 454.
4. Sônia Gazeta, *A Nova Era e os Últimos Eventos da História do Mundo*, pág. 2.
5. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 414.
6. ———, *O Grande Conflito*, pág. 617.
7. Idem, idem, pág. 439.
8. Ellen G. White, *História da Redenção*, pág. 395.
9. Carl Coffman, *Lição da Escola Sabatina*, 3º Trimestre de 1989, pág. 50.
10. *SDBAC*, vol. 7, págs. 821 e 822.
11. Uriah Smith, *As Profecias do Apocalipse*, pág. 199.
12. Carl Coffmann, *Op. cit.*, pág. 46.
13. *SDBAC*, vol. 7, pág. 821.
14. Francisco da Silveira Bueno, *Novo Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, Edições Fortaleza, 1972.
15. Carl Coffman, *Op. cit.*, pág. 49.
16. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 562.
17. M. Basiléia Schlink, *Nova Era à Luz da Bíblia*, pág. 15.
18. Marco André, *Nova Era*, págs. 60 e 61.
19. Carl Coffman, *Op. cit.*, pág. 92.
20. Siegfried Júlio Schwantes, *BISE*, vol. 3, nº 1, janeiro de 1993, pág. 19.
21. Ellen G. White, *Evangelismo*, págs. 602 e 603.
22. ———, *O Grande Conflito*, pág. 629.
23. Don Bel, *A Rede Cresce*, pág. 4.
24. Marco André, *Op. cit.*, págs. 53 e 58.
25. Idem, idem, págs. 48 e 49.
26. Siegfried Júlio Schwantes, *Op. cit.*, pág. 21.
27. Russel Chandler, *Compreendendo a Nova Era*, Bompastor Editora, 1993, pág. 115.

# Dons espirituais e evangelismo

ROY NADEN

*Professor de Educação Religiosa na Andrews University, Berrien Springs, Michigan, EUA.*

**C**apacitação. Essa palavra é cada vez mais ouvida nas repartições corporativas da América. Quando o chefe executivo de alguma empresa fala a seus vice-presidentes, ele os encoraja pelo uso freqüente da palavra "capacitação". Por sua vez, quando os vice-presidentes se dirigem aos seus gerentes intermediários, procuram motivá-los assegurando-lhes que eles estão "capacitados". E quando os supervisores e gerentes falam ao pessoal dos departamentos, eles usam uma linguagem ricamente embasada pelo conceito de capacitação.

Essa é a idéia chave do mundo dos negócios e do gerenciamento. É o paradigma atual, a força motivacional que continuará dirigindo os elementos progressivos do corporativismo em direção ao futuro. E qual é a essência dessa nova força na indústria? Talvez isso seja mais facilmente observável quando apresentado em forma de contraste entre os dois conceitos de gerenciamento.

No modelo tradicional ou hierárquico, os líderes controlam os trabalhadores, restringem as informações, agem no sentido de que façam o que foi determinado, sem a chance de correr riscos. Têm como motivação a conquista do poder. São servidos pelos trabalhadores, que, por sua vez, não possuem qualquer autoridade. Segundo o modelo inovador ou participativo, os líderes partilham sua visão e as informações com os liderados. Fazem o que necessita ser feito, são criativos, apesar dos riscos. A conquista do potencial é sua motivação. Servem aos liderados e lhes conferem autoridade.<sup>1</sup>

Não é preciso muito esforço mental para compreendermos que a Igreja possui a tendência de seguir o modelo tradicional ou hierárquico — uma abordagem monolítica na

qual o povo tem pouca força ou influência, e deve esperar pelos programas e diretrizes elaborados pelos administradores, e mandados de cima para baixo. Mas o pensamento corporativo recorda-nos que as pessoas dão o seu melhor e crescem em seu potencial apenas quando são capacitadas para agir.

Capacitação acontece quando um indivíduo é comissionado com uma tarefa específica e tem a responsabilidade de cumpri-la. Isto em si mesmo não é nenhuma novidade, obviamente, porém, é precisamente o que acontece no velho modelo de liderança. A diferença é que juntamente com a responsabilidade, também é conferida autoridade para agir, além da provisão dos recursos necessários e completa liberdade para escolher alternativas adequadas para a solução de problemas, mesmo que isso signifique correr riscos. Capacitar é confiar.

Esse modelo de capacitação é um conceito do Novo Testamento, que está esperando ser redescoberto pela Igreja. É o ideal da Bíblia para a perseguição bem-sucedida do sonho de cobrir todo o mundo com o evangelho. Indubitavelmente devemos, como igreja, reestudar a lição bíblica.

## O modelo bíblico

**A** expressão que a Bíblia utiliza para esse modelo exitoso é ministério através dos dons espirituais, e o assunto é desenvolvido pelo apóstolo Paulo em I Cor. 12:4-6. Ele abre o capítulo com a afirmação de que a Igreja não pode se dar ao luxo de ignorar essa supremamente importante lição, porque o cumprimento de sua missão evangelizadora depende disso. Então, sublinha três passos de implementação.

Primeiro, o Espírito Santo equipa os membros de uma congregação com uma grande variedade de dons espirituais, todos distribuídos bem de acordo com as respectivas personalidades, de modo que todas as pessoas se sintam confortáveis no exercício do seu ministério.<sup>2</sup> “Ora, os dons são diversos” (v. 4). Segundo, o processo tem continuidade quando Deus estabelece uma grande variedade de ministérios adaptados a todos os membros da congregação local: “E há diversidade de serviços” (v. 5). E terceiro, o processo é completamente implementado quando Deus capacita (do grego *energemata* = energia) os membros para o êxito no desempenho dos seus respectivos ministérios. “...Deus é quem opera tudo em todos” (v. 6). Assim o Espírito Santo concede as habilidades para ministrar, cria oportunidades para ministrar e capacita em direção ao sucesso.

Nas três ocasiões em que Paulo elabora o tema dos dons espirituais, ele usa o corpo como uma metáfora da igreja. Baseados nessa ilustração, nós devemos assumir que cada parte do corpo possui uma função específica, que todas as partes trabalham em harmonia, e que esse corpo disciplinado atua otimamente.

### Equipando para um ministério específico

**O** que é um dom espiritual? É a habilidade para desenvolver um ministério específico. Cada indivíduo do corpo de Cristo tem uma função, um propósito, um ministério, exatamente como cada órgão do corpo humano tem uma função, um propósito, um ministério. Portanto, da mesma forma que nós nos referimos a pessoas habilidosas para determinadas tarefas seculares, como sendo bem dotadas, também a igreja pode corretamente dizer que todos os seus membros são dotados para o desempenho de um ministério específico.

Sempre que é feita referência aos dons ou ministérios espirituais, é comum alguns membros retrucarem: “eu não estou seguro de que possua algum dom”. Mas três vezes em um só capítulo (I Cor. 12:7, 11 e 18), Paulo enfatiza que cada membro possui um dom para ser usado de alguma forma importante, e um dos deveres primários de

cada congregação é procurar facilitar o processo de descoberta desse dom em todos os membros. Max DePree ensina que “quando nós pensamos a respeito de líderes conduzindo pessoas e uma variedade de dons em uma corporação ou instituição, verificamos que a arte de liderar reside em aprimorar, liberar e facilitar o desenvolvimento daqueles dons”.<sup>3</sup>

Em que consistem tais dons? Repetimos, eles são habilidades específicas para ministrar a outras pessoas, e existem em duas principais categorias: busca – atrair pessoas para Cristo; e conservação – guardar as pessoas em Cristo. Nesse sentido, os dons do Espírito são todos diretamente relacionados com o evangelismo. Em geral, nós pensamos no evangelismo num sentido muitíssimo restrito. A Igreja existe para um único e todo envolvente propósito – evangelismo –, o qual é implementado em três etapas: 1) alcançar e conduzir a pessoa a Jesus; 2) mantê-la na igreja; e 3) integrá-la à missão.

Em I Cor. 12 e 13; Rom. 12 e Efés. 4, entre outras passagens, Paulo enumera, numa terminologia própria do primeiro século, vários aspectos de como a Igreja primitiva conduziu seu ministério. Ela possuía líderes, auxiliares, conselheiros, professores, médicos, pregadores, etc. E ainda necessita deles hoje.

Numa colocação contextualizada, a Igreja necessita também de profissionais de informática, advogados, enfermeiros, jornalistas, músicos, economistas, bibliotecários, pilotos, motoristas, etc., nem todos especificamente mencionados no Novo Testamento. Mas aqui está a chave para nossa compreensão: qualquer que seja o ministério necessário ao cumprimento da missão, Deus dará as habilidades e dotará os membros.

A questão crítica, que cada congregação deve responder, é se confia verdadeiramente que o Espírito Santo provê todos os dons para o desenvolvimento de cada ministério que Ele tem planejado em sua área. Todos devemos concordar que a resposta deve ser um inequívoco “sim”. Se esse é o caso, podemos afirmar que a sagrada tarefa comissionada à Igreja será conduzida a uma decisiva vitória em seqüência ao supremo triunfo conquistado na cruz, na medida em que todos os membros encontrem e utilizem seus dons espirituais.

**É** importante notar que quando o Espírito Santo nos capacita – e isso é parte integrante do processo do novo nascimento –, nós podemos começar nosso ministério pessoal imediatamente. Se uma pessoa recebe um dom, ela está habilitada. Com o passar do tempo ele será aperfeiçoado, mas o indivíduo está habilitado desde a ocasião do nascimento espiritual. E a vida espiritual dessa pessoa enfrentará grande frustração enquanto não fizer a descoberta do ministério para o qual Deus a dotou.

A experiência do compositor e pianista Schumann ilustra este ponto. Sua genitora decidiu que ele seria um advogado e o colocou para estudar em Leipzig. Ali o jovem permaneceu grandemente intranquilo e insatisfeito, vivendo numa atmosfera a qual descreveu como “frígida jurisprudência”. Foi então que ele descobriu a música, o dom de sua vida, e sem demora escreveu para sua mãe: “Eu sinto que deveria ter sido destinado para a música”.

Aqueles que possuem o dom da hospitalidade tornam bem-vindos os necessitados de salvação e integram os salvos no companheirismo da igreja. Diáconos e diaconisas tocam a vida das pessoas através de muitos modos práticos buscando satisfazer suas necessidades no lar, na igreja, na escola e na comunidade. Professores instruem no conhecimento da vontade de Deus. Líderes organizam e motivam. Conselheiros ajudam a resolver incertezas e conflitos. Pastores socorrem, alimentam, protegem, mas acima de tudo, capacitam. E existe um número ilimitado de outros dons que podem ser perfeitamente adaptados às necessidades da igreja local e da comunidade. Todos os ministérios e dons devem ser organizados, coordenados e tornados efetivos na conclusão da Obra de Deus, na medida em que nos aproximamos do fim.

### O que nos prende

**V**oltemos ao coração deste artigo. Deus tem previamente equipado a Sua Igreja, cada congregação, todos os membros individualmente, com todas as habilidades necessárias para cumprir Sua vontade em suas respectivas comunidades.

Mas, pouquíssimos têm qualquer noção de seus dons, habilidades e ministérios, e muitos continuam como ineptos espectadores. Esperando e orando para que um dia eles sejam incluídos. Que alguém os descubra, e que possam experimentar essa torrente de gozo e energia que outras pessoas experimentam em seu trabalho. E que finalmente conheçam que Deus realmente planejou incluí-los na execução da maior tarefa já confiada a mortais – ministrar a outros em nome de Jesus. Os membros de nossas congregações já estão capacitados pelo Espírito Santo, mas estão esperando por afirmação da parte de seus líderes.

A Igreja tem crescido na dependência de evangelistas profissionais para cumprimento da Grande Comissão. Esses dotados proclamadores do evangelho respondem entusiasticamente ao seu chamado, conduzindo cruzadas em todos os lugares. Mas, parece-me que através desse trabalho, o modelo de capacitação do Novo Testamento é inconscientemente obscurecido e negligenciado. Em minha própria comunidade de fé, os líderes empregam evangelistas itinerantes tendo em vista a consecução do crescimento congregacional e incentivar os membros a lançarem mão desses serviços evangelísticos externos através de pequenas campanhas. E embora isso aparente produzir resultados benéficos, há duas razões suficientes para levar-nos a um reestudo de sua eficácia, pelo menos a longo prazo.<sup>4</sup>

### Conservação

**P**rimейiramente referimo-nos ao problema da conservação. Cada ano meus alunos de Evangelismo e Prática Pastoral expressam sua frustração ante a elevada porcentagem de apostasias que ocorrem sempre após a saída de um evangelista do local onde realizou sua campanha. Quando confrontados com o desgaste, nós evangelistas nos posicionamos premeditadamente na defensiva e rapidamente respondemos que os recém-nascidos espirituais ficaram saudáveis e entusiasmados quando a campanha terminou, atribuindo a responsabilidade ao pastor que supostamente teria falhado em continuar o trabalho, deixando de alimentar e proteger o rebanho.

Ora, se os evangelistas itinerantes não podem tomar tempo para nutrir os novos convertidos, talvez seja necessário redefinir seu ministério. Mesmo os apóstolos do primeiro século permaneciam em áreas receptivas durante um bom tempo, com o propósito de firmar os novos crentes. Um relacionamento muito íntimo geralmente se desenvolve entre quem testemunha e quem responde. Ninguém está em melhor posição para solidificar os recém-batizados do que aqueles que os conduziram a Cristo.

Há uma necessidade vital de reconectar evangelismo e conservação. E isto parece estar plenamente consentâneo com a prática do Novo Testamento. Por exemplo, Paulo recomendou a Timóteo no sentido de fazer o trabalho de evangelismo (II Tim. 4:5), uma pessoa que desempenhava funções intimamente relacionadas. Parece-me também ser significativo que Paulo enumera juntos os dons de evangelização, pastoreio e ensino (Efés. 4:11).<sup>5</sup> Eu creio que é apenas quando esses dons são exercidos em conjunto que uma igreja experimenta unidade e maturidade em Cristo Jesus.

Por conseguinte, do mesmo modo, o ministério múltiplo do pastor apóia esse conceito. Apenas uma vez no Novo Testamento, a *King James Version* usa a palavra "pastor" traduzida do vocábulo grego *poimen*. Literalmente ela significa "pastorear", "guiar", "dirigir", "proteger", conforme pode ser atestado em outros usos. O que faz um guia espiritual? Entre outras coisas, primeiramente, ele resgata e alimenta, o que significa evangelizar e conservar. Não há problema para que o crescimento individual e coletivo dos crentes seja acentuado, se mantivermos esses ministérios numa mesma pessoa ou num ambiente congregacional.

Mas, tão importante quanto o argumento precedente deva ser, é o próximo item que tem maior significado para o futuro.<sup>6</sup>

### Todos estão capacitados

**A** responsabilidade pelo evangelismo é de todo o corpo de crentes. Frequentemente pastores e membros de uma comunidade sentem-se impotentes diante da eloquência de carismáticos evangelistas. Normalmente o resultado final é que tanto pastores como membros acabam convencidos

de que eles jamais poderão igualar este nível de ministério, e decidem não participar no evangelismo. Assim, o problema parece ser de autopreservação e o inspirado plano do Espírito é negligenciado. Numa classe de 75 pastores que participavam de um seminário descobri que apenas uns poucos se sentiam à vontade ou tinham algum plano para participação em evangelismo público tradicional.

Não há aqui nenhuma crítica aos evangelistas. Com base em minha própria experiência, de quão difícil pode ser o trabalho com seus longos dias e intermináveis semanas de pregação e visitação, eu falo apenas de uma prática que promove uma utilização menos que ideal desse dom. A solução deveria ser que esses dotados evangelistas tenham púlpitos de onde possam evangelizar, ensinar e alimentar continuamente de um centro, e desta maneira substancialmente construir o corpo de Cristo e ao mesmo tempo inspirar os membros para que sejam participantes de acordo com sua dotação, em lugar de meros espectadores do processo.

Com sua eloquência, os evangelistas itinerantes acabam dominando o evangelismo, e o modelo do Novo Testamento não é seriamente considerado, muito menos implementado. A despeito disso, o fato é que em muitas igrejas onde tenho pesquisado, nós encontramos sempre alguns 10% de membros habilitados para o evangelismo. Isso deve levar-nos a um exame de nós mesmos e de nosso futuro.

As barreiras estão ficando cada vez mais altas, a tarefa mundial mais e mais difícil, do ponto de vista humano, as dificuldades crescem em complexidade. Por que não experimentar o modelo de capacitação do Novo Testamento, no qual reconhecemos que cada membro já está equipado, dotado e preparado para desempenhar um ministério pessoal? É somente quando os milhares de membros da Igreja se tornarem envolvidos que os bilhões não alcançados da Terra serão alcançados. Reconhecemos esse fato, então por que não agimos de acordo com ele? Deus não estabeleceu um plano para concluir Sua Obra através de uns poucos, mas de muitos.

No primeiro século, os dons espirituais de todos os membros possibilitaram o incrível sucesso de levar o evangelho a todo o mundo conhecido, em uma geração. Sob a Chuva Serôdia do Espírito Santo, pode-

mos contemplar uma repetição do Pentecoste no qual nosso mundo, apesar da explosão populacional, deve ser alcançado em uma geração. Temos o plano, temos o povo, temos o poder do Espírito de Deus. Reconhecemos nós que o Espírito capacita o povo comum?

### “Liguem as máquinas”

**N**ão faz muito, enquanto procurava selecionar um canal de televisão, acabei sintonizando os momentos preparatórios para uma corrida da Fórmula Indi. Faltava uma hora para a largada.

Fiquei curioso ao observar os semblantes sérios dos pilotos, ouvir as narrativas de seus recordes anteriores, além das previsões dos resultados, feitas por especialistas. Mas foi o suave poder das máquinas meticulosamente dispostas na pista, cheias de propagandas de seus patrocinadores, que pareceu ser o objeto de mais intensa especulação. A culminância de um ano de planejamento, sonhos e ajustes, chegara afinal. Quando o relógio marcou o horário exato, os carros movimentaram-se em suas posições, preparados para executar as ma-

nobras de intermináveis voltas e buscar o cobiçado troféu.

Então, ouvi aquelas famosas palavras: “Cavalheiros, liguem as máquinas”. Em pouco tempo a corrida estava em andamento.

Acabei não vendo todo o desenrolar da competição. Não vi o esgotado vencedor ou os humilhados vencidos, nem mesmo no telejornal noturno. Mas pensei a respeito daquela corrida durante todo o dia, e seu paralelo com a Igreja.

Há um sem número de carros de corrida dispostos meticulosamente na pista. Cada um ostentando as insígnias da Cruz, deixando à margem da pista cristã suas máquinas silenciosas. Há muitos espectadores e pouquíssimos pilotos. Muito para fazer em tão pouco tempo.

A bandeira quadriculada está levantada, avisando que a reta final é chegada. Não é esta, porventura, a hora de cada membro sentir a afirmação da liderança, para responder à capacitação provida pelo Espírito e entrar na pista? O destino de um mundo perdido oscila na balança, enquanto o Espírito Santo fala vez após vez aos membros do corpo de Cristo: “Liguem suas máquinas”.

#### Referências

1. Lorne Plunkett e Robert Fournier, *Participative Management*, John Wiley e Filhos, Nova Iorque, 1991.
2. Recentes estudos estatísticos experimentais realizados na *Andrews University* mostraram os perfis específicos de personalidades associados a cada um dos cinco grupos de dons espirituais identificados no *New Spirituals Gifts Inventory*.
3. Max DePree, *Leadership Is an Art*, Bantam Doubleday Dell, Nova Iorque, 1989, pág 10.
4. O surgimento desta questão torna necessária uma diferenciação entre um ministério apostólico e um evangelístico. Os apóstolos receberam um específico dom espiritual de fundar igrejas em áreas onde o evangelho não era conhecido, ordenar líderes, e planejar o crescimento futuro da congregação. Paulo, com seus dons apostólicos, viajou constantemente de cidade em cidade. A sua demora em um determinado lugar dependia da receptividade. Em alguns casos ele e seus companheiros sacudiram “o pó de seus pés” (Atos 13:51), e partiram, enquanto em outros lugares, como em Corinto, ele gastou um ano e meio para evangelizar e estabelecer uma igreja familiar (Atos 18:11). Hoje, ainda

mais que no primeiro século, há uma premente necessidade de pessoas com o dom do apostolado para entrar em áreas não penetradas pelo evangelho.

5. O mesmo é verdade na obra do apostolado observada no texto. E o dom congregacional de profecia corresponde, em alguns aspectos importantes, à obra pastoral e de ensinar. Paulo o define como “edificação, exortação e conforto” (I Cor. 14:3).
6. Uma questão relacionada é que os evangelistas avaliam-se e são avaliados pelo número de decisões tomadas e pelos batismos efetuados. Nesse contexto, existe a tentação constante de pressionar, forçando decisões para aumentar os números. Conversos que entram para a igreja através de pressões eclesásticas, freqüentemente sucumbem às pressões seculares e saem da igreja. A bem da verdade, nem todos os evangelistas se deixam influenciar por isso, mas as sutis, e às vezes nem tão sutis, pressões para “provar seu chamado com números” necessitam ser reconsideradas. Qualquer igreja que enfatize unilateralmente o crescimento numérico está sujeita a criar um prejudicial clima de pressão.

# Seguro de vida: falta de confiança em Deus?

---

RUBEM M. SCHEFFEL

Editor de livros denominacionais da  
Casa Publicadora Brasileira

---

**D**esde que surgiu o Movimento Adventista, seus membros têm discutido se devem ou não fazer qualquer tipo de seguro, especialmente seguro de vida.

Embora a Igreja não tenha tomado posição oficial sobre o assunto, muitos membros entendem que o seguro de vida é incompatível com o tipo de confiança que um cristão sincero deve ter em Deus. Pastores têm pregado sobre o tema, incentivando os membros a cancelar suas apólices.

Inicialmente as discussões entre os líderes adventistas eram sobre seguros de todos os tipos, mas com o passar do tempo os riscos envolvidos os levaram a aceitar a idéia de segurar as propriedades contra incêndio, tempestade e furto. A mudança de atitude ocorreu por volta de 1860, quando a Igreja começou a incorporar propriedades em seu nome. Naquele tempo o risco de incêndio era especialmente ameaçador, pois as casas, em geral, eram de madeira, o aquecimento era fornecido por carvão ou fogões a lenha, e a luz geralmente provinha de lamparinas.

Ellen G. White concordava com os seguros de proteção à propriedade, o que é ilustrado por suas cartas. Em 1880 ela escreveu ao seu filho, W. C. White: "Gostaria que você pusesse no seguro a casa de Healdsburg. Converse com Lucinda sobre o assunto. Estou preocupada com isso." – *Carta 17*, 1880.

Quatro anos mais tarde ela escreveu: "O irmão Palmer diz que lhe escreveu com respeito ao seguro. Se a casa não está segura, isto deve ser feito em seguida." – *Carta 40*, 1884.

Esse conselho estava em harmonia com suas repetidas instruções de que todos os passos deviam ser dados para salvaguardar a propriedade. Quando ela ainda era viva, seu filho W. C. White respondeu a uma pergunta sobre seguro contra incêndio, escrevendo:

"Não encontramos nos escritos de mamãe qualquer condenação à prática de segurar nossa propriedade contra incêndio. Mamãe sempre considerou isto muito diferente de seguro de vida. Ela mantém seus próprios prédios devidamente segurados, e tem incentivado algumas de nossas instituições a fazerem o mesmo." – *Carta*, W. C. White, 5 de agosto de 1912.

---

## Ellen White e os seguros de vida

---

**O**s seguros de vida, porém, eram vistos de modo diferente pela Sra. White. Em seu testemunho nº 12, intitulado "Seguros de Vida", publicado em 1867, e reproduzido na íntegra em *Testemunhos Seletos*, vol 1, págs. 176 e 177, ela diz entre outras coisas:

"Foi-me mostrado que os adventistas observadores do sábado não se devem meter em seguros de vida. Isto é um comércio com o mundo, que o Senhor não aprova. ...

"O seguro de vida é um método mundano que leva nossos irmãos a nele se meterem a fim de se apartarem da simplicidade e pureza do evangelho. ... Deus tomou providências em favor de Seu povo. Tem por eles especial cuidado, e eles não devem desconfiar de Sua providência, metendo-se em um plano juntamente com o mundo...

---

*Tanto as  
Escrituras como o  
Espírito de Profecia  
consideram  
como ordem divina  
o cuidado que  
devemos ter  
para com os  
nossos queridos.*

---

“Os que se ligam a esse método mundano, depositam meios que pertencem a Deus, que Ele lhes confiou para que empreguem em Sua causa, para promover o avançamento de Sua obra. Poucos, porém, obterão quaisquer lucros do seguro de vida, e sem a bênção de Deus mesmo esses se demonstrarão prejuízo em vez de benefício. Aqueles a quem Deus fez mordomos Seus, não têm direito de colocar nas fileiras do inimigo os recursos que Ele lhes confiou para usar em Sua causa...”

“Satanás leva seus agentes a introduzirem várias invenções e patentes, e outros empreendimentos, para que os adventistas do sétimo dia que estão ansiosos de enriquecer, caiam em tentação... Por meio desses diferentes veículos, está Satanás drenando habilmente a bolsa do povo de Deus, e assim pesa sobre eles o desagrado do Senhor.”

Uma leitura cuidadosa nos permitirá descobrir cinco razões pelas quais Ellen White se opôs aos seguros de vida:

1. Os crentes se envolvem excessivamente com o mundo.
2. É incentivado um espírito mundano e secular, contrário à simplicidade e finalidade única do serviço cristão.
3. Diminui nossa percepção da providência divina.
4. Representa uma negação da verdadeira mordomia perante Deus, por desviar os Seus fundos para negócios de risco com objetivo de lucro.

5. Manifesta ganância comparável à especulação em direitos a patentes e invenções.

Uma análise do raciocínio de Ellen White deixa claro que ela considerava a participação nos seguros de vida como uma ameaça à experiência espiritual, e viciosa, por se tratar

de um negócio de risco. Após esse artigo, em 1867, a Sra. White fez apenas referências ocasionais aos seguros de vida, em seus escritos, não apresentando qualquer evolução filosófica do tema.

As declarações de Ellen White nos levam à conclusão de que os seguros de vida, da maneira como eram feitos em sua época, eram contrários aos princípios cristãos, tanto do ponto de vista espiritual como do de mordomia sobre os bens do Senhor.

---

**Os seguros no século dezenove**

---

O período que se seguiu à Guerra Civil americana foi apropriadamente descrito como uma era de desenfreado oportunismo e especulação, praticamente não controlados pelo governo. Esquemas para enriquecer rapidamente estavam na ordem do dia, mas muitas vezes terminavam em fracasso financeiro.

A nascente indústria de seguros se achava imbuída do espírito de risco da época. Companhias de seguro de pouca solidez financeira faliam de repente, deixando suas apólices totalmente sem valor. Os clientes eram muitas vezes tratados com injustiça e até mesmo fraudulentamente. Apólices eram feitas em nome de pessoas estranhas, e o público era incentivado a investir na esperança de lucrar com a morte do segurado.

Os abusos desse sistema levaram o público a exigir que as Companhias de Seguro fossem regulamentadas pelo governo. A partir de 1906, leis estaduais e federais foram emitidas com o objetivo de limitar as fraudes e exigir que as seguradoras adotassem práticas corretas.

Em nossos dias, as indústrias de seguros são regulamentadas por leis e órgãos do governo, e diferem em muitos aspectos das seguradoras do final do século passado. Portanto, os conselhos de Ellen G. White contra os seguros de vida precisam ser entendidos à luz das práticas correntes em seus dias.

---

**Provisão para tempos de necessidade**

---

Tanto as Escrituras como os escritos de Ellen White consideram como ordem divina a responsabilidade cristã de proteger os seus queridos. Baseado na autoridade do quinto mandamento, “Honra a teu pai e tua

mãe”, o apóstolo Paulo salienta a importância desse princípio nos seguintes termos:

“Mas, se alguma viúva tem filhos, ou netos, aprendam, primeiro a exercer piedade para com a sua própria casa, e a recompensar a seus progenitores, pois isto é aceitável diante de Deus.

“Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente” (I Tim. 5:4 e 8).

Repetidas vezes Ellen White encareceu a importância de fazer provisão para necessidades futuras. Segue um exemplo:

“Os recursos que tendes conseguido não têm sido sábia e economicamente gastos, de maneira a deixar margem para, no caso de virdes a ficar doente, não ficar vossa família privada dos meios que trazeis para o seu sustento. Vossa família deve ter algo de que lançar mão no caso de serdes levado a situação de apertura.” – *O Lar Adventista*, págs. 395 e 396.

Ela apoiava a compra de mercadorias de qualidade e o cuidado das mesmas. Falou em favor da aquisição de casa própria, quando possível, e aprovou a acumulação de reservas razoáveis para usar em caso de necessidade. (Ver *Testimonies*, vol. 7, págs. 291 e 292).

### Conclusão

**N**as condições atuais, as perguntas que se impõem são as seguintes: Os seguros de vida oferecem meios, de enfrentar emergências, que são compatíveis com os princípios cristãos? Podem eles ajudar a enfrentar crises surgidas por incapacitação ou morte do assalariado, sem enfraquecer a fé ou a confiança na providência divina? Podem eles ajudar alguém a assumir a responsabilidade, dada por Deus, de proteger os inocentes sobreviventes de tragédias neste mundo perigoso?

Em 1957 foi publicado um resumo de 50 páginas, apresentando as conclusões a que chegou uma comissão de estudos, da Associação Geral e dos Depositários de Ellen White, sobre os seguros de vida. Suas propostas, baseadas em judiciosa investigação, provêm sólida interpretação dos princípios envolvidos, os quais incluem o seguinte:

1. O Espírito de Profecia ensina, sem he-

sitação, que o cristão deve preparar-se para os “maus dias”. Deve reconhecer que chegará o dia em que os rendimentos serão poucos ou mesmo nulos. E ao contemplarmos o futuro, devemos ter, se possível, um montante razoável de bens ou reservas em dinheiro para fazermos face a tais necessidades, para que “não seja preciso depender da caridade alheia”.

2. É conveniente contar com a segurança de uma modesta casa própria e moderados investimentos financeiros, dinheiro no banco, investimento na Obra do Senhor ou outro investimento sólido.

3. É conveniente beneficiar-nos da proteção oferecida pelo seguro contra incêndio e seguro do automóvel.

4. Os conselhos do Espírito de Profecia sobre seguros de vida, na década de 1860, foram dados numa época em que estes não eram fiscalizados, e muitas vezes atendiam a interesses suspeitos – uma espécie de jogo para enriquecer rapidamente.

5. Na maioria dos planos de seguros de vida, é mantido o princípio de colocar uma parte de lado, para os dias de necessidade e para ajudar a levar as cargas uns dos outros. O círculo se estende para além da família ou da igreja, incluindo um grande número de pessoas, igualando os encargos e minimizando as despesas.

6. O seguro de saúde é outro plano para nivelar o que de outro modo seria uma despesa muito grande. Também nesse caso um grande número de pessoas ajuda a levar as cargas uns dos outros.

7. O Fundo Mútuo para Funerais, do qual participam muitas pessoas, através de pagamentos periódicos ou taxas pagas por ocasião da morte de um membro, é uma maneira de repartir as despesas, de tal modo que um leva a carga do outro.

8. A Previdência Social é reconhecida pela Igreja como um plano, através do qual o empregador e o assalariado se unem para sistematicamente fazer uma reserva, a ser utilizada em caso de invalidez, aposentadoria ou morte.

9. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, embora oficialmente não procure incentivar ou dissuadir seus membros no tocante aos vários tipos de seguros, tem, através de votos tomados no Concílio Anual da Comissão da Associação Geral, dado a sua aprovação aos planos previdenciários e de benefícios.

# Como fortalecer a equipe ministerial

J. H. ZACHARY

Secretário ministerial associado da  
Associação Geral da IASD

O ministério adventista enfrenta um extenuante desafio em prover cuidados pastorais para nosso rebanho mundial. São exatamente 17 mil ministros habilitados para servir a mais de sete milhões de membros. Quando subtraímos aqueles que atuam em funções de caráter não estritamente pastorais, é possível distinguir rapidamente a extensão do vazio. Somente através do fiel ministério desenvolvido por anciãos locais pode a igreja sobreviver e prosperar. Em colaboração íntima com o pastor, eles podem prestar serviços úteis à congregação.

Este artigo analisará a responsabilidade do pastor como líder, e o papel do ancião. As recomendações nele contidas são direcionadas aos pastores que supervisionam um distrito composto de cinco, 25 ou mais congregações.

Os itens seguintes dizem respeito ao pastor, na qualidade de líder da equipe ministerial:

**1. Delegação** – Alguns pastores assumem uma postura excessivamente possessiva quanto ao seu trabalho. Devem, em grande parte, delegar funções aos anciãos e a outros membros. Os anciãos são, freqüentemente, os mais talentosos líderes na congregação, completamente capazes de assumir responsabilidades. O pastor necessita incumbi-los com tarefas específicas.

**2. Treinamento** – Uma das mais importantes tarefas de um pastor distrital é o treinamento. Além de equipar toda a irmandade para a conquista de almas e conservação de novos membros, o pastor deve dar prioridade ao treinamento de anciãos em todas as suas igrejas. Isso pode ser feito em reuniões convocadas mensal ou bimensalmente, com

todos os membros da equipe. A agenda desses encontros deve cobrir todas as necessidades do distrito, desde a pregação até o cuidado da propriedade da igreja.

**3. Calendário homilético** – O pastor deve desenvolver um plano homilético de assuntos a serem pregados semanalmente. Assim, evitará que os pregadores falem somente sobre seus temas preferidos, ou coincidam sobre um mesmo tema. Isso além de prevenir contra a pregação de assuntos controvertidos e heréticos. Um calendário homilético dará à congregação alimento balanceado, agradável e nutritivo.

**4. Evangelismo** – Juntamente com os anciãos e as comissões das diversas igrejas, o pastor deve desenvolver um plano de evangelização para todo o distrito, e para cada congregação em particular. Testemunhei um exemplo efetivo desta sugestão na União Sul-Filipina. Durante uma visita ao lar de um pastor, verifiquei um mapa do distrito tendo assinaladas todas as igrejas. De cada uma delas saía uma fita ligando-as a uma área não-penetrada, a qual seus membros decidiram evangelizar. Os anciãos lideravam os esforços para a conquista de almas, com resultados fantásticos. Cada igreja deve ter designada sua área de trabalho, priorizando as cidades, vilas, e os bairros sem a presença adventista.

Outra experiência bem-sucedida de evangelismo coordenado por anciãos locais foi verificada na União Missão Leste da Indonésia. Uma congregação realizava um serviço especial de dedicação de oito casais que iniciariam o trabalho de casa em casa em uma vila sem adventistas. A igreja providenciava o apoio de que necessitavam esses missionários.

---

---

## *Anciãos e pastores devem atuar unidos, em equipe, sob a direção do Espírito Santo.*

---

---

**5. Conservação** – O vigor do trabalho do pastor reside em sua habilidade para estabelecer um programa de visitação a todas as igrejas do seu território. Esse plano deve envolver anciãos, diáconos, diaconisas e coordenadores das Unidades de Ação da Escola Sabatina para visitação regular de membros ativos, afastados, enfermos e jovens. Nenhuma outra coisa fortifica a igreja e serve para fechar a “porta dos fundos” como um expressivo, constante e regular programa de visitação.

Ainda nas Filipinas, visitei, há alguns anos, um pastor que supervisionava 30 congregações, ajudado por estudantes do curso teológico e anciãos locais. Na semana que antecedeu a minha visita, foi organizada uma relação de membros afastados, e cada um dos anciãos foi designado para visitá-los e levá-los à Escola Sabatina. Assim, enquanto eu chegava à igreja percebi pequenos grupos caminhando por entre a plantação de arroz. Dois anciãos estavam trazendo seus visitantes para a igreja, e tivemos um agradável dia de reconsagração. Outra igreja necessitou ampliar seu edifício para abrigar os irmãos que retornaram ao seu convívio, graças à “operação resgate”, desenvolvida sob a supervisão e com a participação dos anciãos.

**6. Ordenação** – Devem ser feitos todos os arranjos para que cada ancião seja ordenado. Em algumas áreas do mundo há relutância em fazê-lo, ainda que eles tenham sido testados durante longo tempo. Atualmente o *Manual da Igreja* sugere que a ordenação dos anciãos deve ocorrer imediatamente após a eleição de oficiais. Isso concede ao ancião total apoio da igreja e é um convite público ao Espírito Santo para abençoar sua liderança.

**Espírito de equipe** – O pastor fará tudo quando seja necessário para encorajar e manter um espírito de equipe entre os anciãos do seu distrito.

Os próximos passos representam as qualidades com as quais os anciãos podem

contribuir para o fortalecimento da equipe ministerial:

**1. Lealdade** – Para ajudar a manter um forte senso de equipe, o ancião deve ser leal à mensagem adventista, ao pastor e ao Campo. O teste dessa lealdade acontece quando um recém-chegado pastor talvez não preencha as expectativas do ancião. Cada novo pastor traz novas e diferentes diretrizes para um distrito, e o ancião leal deve promovê-las e apoiá-las, jamais esquecendo-se de que o pastor é o líder geral da congregação.

**2. Investimento de tempo** – Um bom ancião separará tempo em seu programa pessoal para o trabalho de liderança. Ele necessitará disso para visitação, evangelismo e apoio às atividades dos vários departamentos da igreja. São responsabilidades pesadas, que devem ser partilhadas entre os outros membros da equipe local.

**3. Pregação** – Num distrito com muitas igrejas, os anciãos devem conduzir o maior ônus da pregação. Isso demanda tempo para estudo e preparo de sermões. A assistência aos seminários de treinamento promovidos pelo pastor, ajudará no alívio da carga. É importante ter mensagens espirituais e interessantes para fortalecimento e encorajamento dos membros da congregação.

**4. Conservação** – A Bíblia refere-se ao ancião como sendo um pastor. Essa imagem acentua os mais importantes aspectos do papel de um ancião de igreja. Ele é responsável diante do Senhor pela prestação dos seguintes serviços aos membros:

\* Nutrição do rebanho com alimento espiritual.

\* Proteção do rebanho contra erros doutrinários, encorajando-o a seguir as verdades bíblicas das quais está encarregado.

\* Cuidado dos que estão espiritual e fisicamente feridos.

\* Emprego de tempo em promover o companheirismo entre os membros.

**5. Treinamento** – O ancião deve assistir regularmente aos seminários de treinamento patrocinados pelo Campo e pelo pastor. Além do benefício das informações ministradas, terá também os materiais necessários ao desempenho de suas funções.

Enfim, ancião e pastor devem sempre estar conscientes da necessidade da posse do Espírito Santo em seu trabalho. O Espírito é seu guia, protetor, professor, ajudador e fonte de poder para o cumprimento de uma liderança efetiva para o bem da igreja.

# Meu testemunho sobre estudo da Bíblia – I

---

MARIO VELOSO

*Doutor em Teologia, é secretário na  
Associação Geral*

---

**C**omo deve um cristão estudar a Bíblia? Como adventistas do sétimo dia, você e eu, juntamente com outros milhares ao redor do mundo que aceitaram as três mensagens angélicas como a última mensagem de Deus a um mundo agonizante, o sabemos muito bem. Tal como Paulo afirmou, devemos estudar a Bíblia não como “palavra de homens”, mas como “a Palavra de Deus” (I Tess. 1:13).

Essa pressuposição fundamental nos coloca imediatamente em uma posição singular para definir o método a ser usado para o estudo das Escrituras. Ele deve ser um método que 1) trata a Bíblia como a revelação inspirada de Deus à humanidade, 2) faz uma leitura desprovida de crítica em relação à sua validade, 3) compreende-a como uma inquebrantável unidade, do Gênesis ao Apocalipse, e 4) reconhece sua plena autoridade.

Na Bíblia, divindade e humanidade estão inseparavelmente juntas. A divindade revelou a perfeita verdade, inspirando homens através da ação do Espírito Santo; e a humanidade colocou essa revelação na imperfeita linguagem humana. Deus não inspirou as palavras, mas os homens que escreveram as Escrituras. Quando nós estudamos a Bíblia, não devemos pensar que encontraremos infalibilidade nas palavras, mas perfeição no conteúdo.

O estudo das palavras, da linguagem, estrutura literária, do ambiente histórico, etc., estão sempre condicionados ao conteúdo divino pessoal estruturado. Não é a linguagem que configura esse conteúdo, mas é ele

quem determina a linguagem escolhida para completa compreensão da verdade revelada, e aplicação prática e espiritual de um texto bíblico em particular. Um conteúdo claro ilumina outro não tão claro, mas relacionado. O contexto é mais importante para compreender um conceito do que palavras particularmente usadas para transmiti-lo. O método correto não vai da linguagem ao conteúdo, mas do conteúdo divino pessoal estruturado às palavras e lingüística, ou mesmo às estruturas literárias.

Embora este artigo pretenda ser um testemunho pessoal sobre os modernos métodos crítico-científicos de estudo da Bíblia, tal testemunho deve ser informativo. Portanto, veremos rapidamente alguns desses métodos.

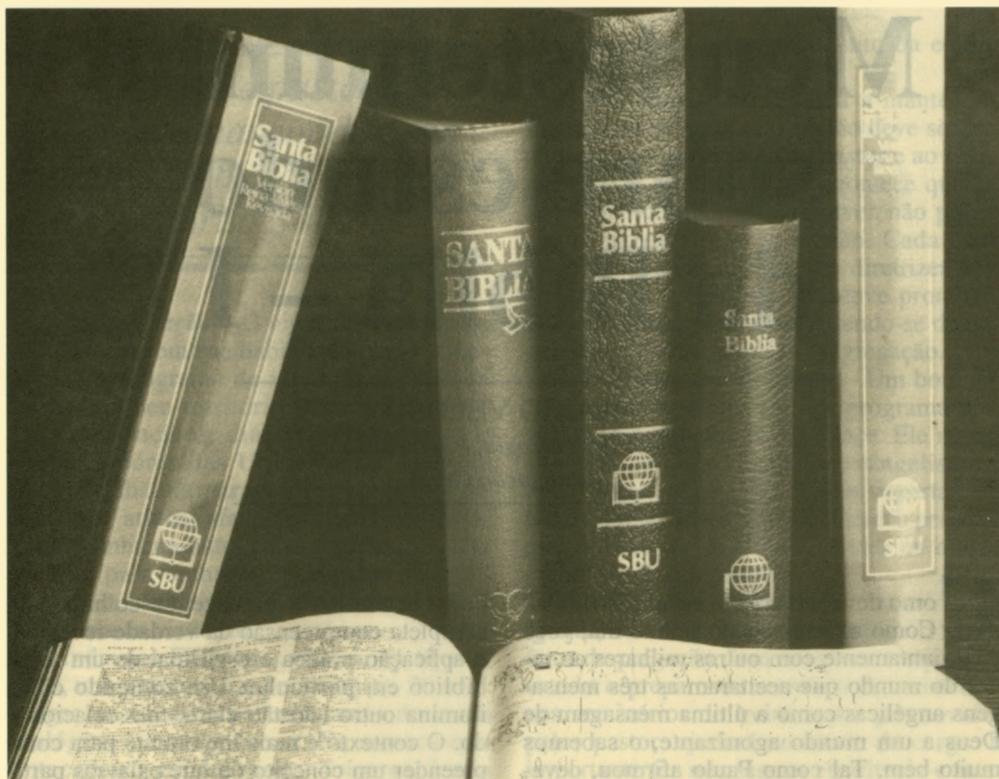
Desde a Reforma, três principais métodos têm lutado para conquistar a comunidade erudita mundial – método gramático-histórico, método crítico-histórico e método estrutural. A ênfase principal deste artigo será sobre o método crítico-histórico considerando ser ele o mais popular através dos anos, e o que mais influência tem exercido entre os eruditos bíblicos.

---

## Método gramático-histórico

---

**O** método gramático-histórico, seguido por importantes reformadores como Calvino, Zwinglio e Melâncton, tornou-se o método adotado pelos protestantes e o fundamento dos estudos realizados tanto por eruditos como por educadores cristãos, da



William

---

*A solução  
das dúvidas  
quanto à inspiração  
da Bíblia  
é aceitá-la como  
totalmente inspirada  
por Deus.*

---

Reforma até o presente. É originado no princípio de *Sola Scriptura*. A Bíblia, como inspirada Palavra de Deus, deve ser seu próprio intérprete. A inspiração deu a mensagem de Deus aos escritores, que a comunicaram à humanidade em linguagem limitada. Esse método está preocupado com o conteúdo das Escrituras. Conhecimento de autoridade, antecedentes históricos, data da composição, e linguagem também são importantes mas somente quando relacionados ao conteúdo de um livro em particular e à Bíblia como a soberana Palavra de Deus.

---

**Método crítico-histórico**

---

O método crítico-histórico opera em oposição. O conteúdo não é tão importante quanto os estudos eruditos. Considera as Escrituras como um produto histórico, puramente humano. Sua ênfase não é sobre o aspecto “histórico”, mas sobre o “crítico”. Pressupõe apenas erudição, livre de qualquer doutrina, especialmente da doutrina da inspiração. Dessa forma, a Bíblia deve ser estudada cientificamente. Ou seja, de acordo com os eruditos alemães, “humana” e “racionalmente”. O método crítico-histórico não estuda a Bíblia como “a Palavra de Deus”, mas como “a Palavra do homem”.

Esse método originou-se no século dezoito como fruto do iluminismo do racionalismo, por Johann Salomo Semler (1725-1791), filho de um pastor luterano pietista. Embora rejeitasse o pietismo, ele tornou-se um professor e diretor da Faculdade de Teologia da pietista Universidade de Halle. Entre 1771 e 1776 Semler escreveu um livro em cinco volumes, criticando o cânon e a inspiração.

A principal tese de Semler foi que nem toda a Bíblia é a Palavra de Deus. Ela apenas “contém” a Palavra de Deus. Seu trabalho crítico era uma tentativa de encontrar a Palavra de Deus nas Escrituras. Encontrar o cânon no cânon, com a ajuda do método crítico-histórico. Ele, o cientista, determinaria o que seria o cânon e o que não seria.

Dos dias de Semler até o presente, com a influência evolucionista nos estudos científicos, o método crítico-histórico tornou-se um elemento controlador dos eruditos descrentes na Bíblia. Esse método deixou cada erudito com o trabalho subjetivo de decidir quais partes das Escrituras eram inspiradas e quais não eram, e deu a cada leitor bíblico a impossível responsabilidade de escolher qual erudito é correto e qual está errado – como eles estão em freqüente oposição, não podem estar corretos.

Eu creio que há uma caminho melhor para resolver o problema de qual parte da Escritura é inspirada e qual não o é – aceitar sua inspiração total e tratá-la plenamente como Escritura inspirada por Deus.

Nesse ponto, provavelmente é oportuno considerar rapidamente as partes fundamentais do método crítico-histórico: criticismo da fonte, criticismo da forma e criticismo da redação.

**Criticismo da fonte** busca descobrir se um livro bíblico é uma unidade escrita por um autor ou uma compilação de muitas fontes ou documentos colocados juntos por um ou muitos redatores. Começa com estudos do Velho Testamento, particularmente com o Pentateuco, e depois é também aplicado ao Novo Testamento.

Outro nome dado ao criticismo da fonte é “criticismo literário”, que inclui mais possíveis documentos – sua origem e natureza – que originalmente faziam um livro bíblico. É também o estudo de um texto ou livro como um trabalho literário. De fato, um estudo literário da Bíblia como uma obra de arte não é errado em si mesmo. O problema do crítico literário reside no fato de que ele trata as Escrituras “como qualquer outro livro”.

Para ter uma idéia do modo como isso ocorre daremos algumas informações relacionadas com o Pentateuco.

Desde o tempo apostólico até a Reforma, o Pentateuco foi geralmente considerado como escrito por Moisés sob a inspiração de Deus, com excessão de um pequeno número

de judeus e eruditos cristãos que levantaram algumas questões. Entre os eruditos da Reforma, apenas Andreas von Karlstadt, em seu livro *De Canonis Scripturis Libellus* (1520), expressou dúvidas a respeito de Moisés como autor do Pentateuco.

Uma grande mudança ocorreu no século dezoito. Jean Astruc (1684-1766) escreveu, em 1753, um livro que tornou-se básico para o criticismo da fonte, *Conjectures about the Memories in which it seems that Moses used to compose the book of Genesis*, publicado em Paris. Sua conclusão: Moisés usou duas fontes. Uma, a *Fonte A* na qual o nome de Deus é *Elohim*, e a outra, a *Fonte B*, onde aparece o nome de *Yahweh*. A essa Astruc adiciona mais dez fontes para o livro do Genesis.

De 1780 a 1783, J. G. Eichhorn (1752-1827) popularizou e deu mais precisão à teoria de Astruc em seu livro *Introduction to the Old Testament*. Chamou a *Fonte A* de “Eloísta” e a *Fonte B* de “Jeovista”. Eichhorn também falou sobre três a cinco fontes fragmentárias das quais os redatores teriam compilado de Gênesis a Levítico. Depois de Eichhorn muitas hipóteses foram desenvolvidas.

A “hipótese fragmentária” foi introduzida por Alexander Geddes. Ele sugeriu que no tempo de Salomão um redator combinou muitos fragmentos contraditórios no Pentateuco.

A “hipótese suplementar” foi desenvolvida por H. Ewald (1803-1875) em um artigo publicado em 1831. A Eloísta foi “suplementada” por seções da Jeovista além de outras fontes fragmentárias.

Iniciada por H. Hupfeld (1853), e completamente desenvolvida por K. H. Graf (1815-1869), A. Kuenen (1828-1891), e Julius Wellhausen (1844-1918), apareceu a “nova hipótese documentária”. Wellhausen argumenta que quatro principais documentos forjaram o Hexateuco (Pentateuco mais Josué) – *Documento J* (Jeová) datado de 880 a.C., *Documento E* (Elohim) cerca de 770 a.C., *Documento D* datado de 621 a.C., e *Documento P*, do exílio até 450 a.C., tempo da redação final do Hexateuco.

Finalmente há a “novíssima hipótese documentária”. O *Documento J* dividiu-se em *J1* e *J2*. O. Eissfeldt (1965) nomeou *J1* como *L* (Fonte leiga) e G. Fohrer (1967) chamou-a *N* (Fonte nômade). O *Documento E* foi dividido em *E1* e *E2*. Gerhard von Rad dividiu o *Documento P* em *Pa* e *Pb*. Exis-

tem ainda outros argumentos para a existência da *Fonte K36* (Fonte Kenita) e da *Fonte S37* (Fonte Seir).

Surgiram muitas reações favoráveis ou contrárias ao criticismo da fonte ou literário. Mas uma coisa é clara. O criticismo literário do Velho Testamento não produziu até agora qualquer unidade definida de fontes para o Velho Testamento. Por quê? Porque os críticos eruditos não estão trabalhando com fontes atuais, mas apenas com hipóteses a respeito de fontes. Esse é um método inteiramente estranho ao conteúdo e ao texto bíblico.

**Criticismo da forma** pressupõe uma longa e complicada tradição oral para o Velho Testamento, bem como para o Novo Testamento. Ele tem início com os estudos do Velho Testamento e vai até o fim do último século, e foi estabelecido especialmente com um livro escrito por Hermann Gunkel (1862-1932) intitulado *Genesis* (1901). Ele afirmou que o Pentateuco foi escrito dos “ciclos orais de mitos”, e especulou sobre a maneira através da qual os textos escritos foram desenvolvidos em sua “forma” atual.

A pressuposição número um desse método é que antes do Velho Testamento não havia revelação de Deus, mas narrativas de contos oralmente transmitidos, dos quais – e por causa das forças sociológicas – os escritores do Velho Testamento produziram o respectivo texto. Esse texto, de acordo com H. S. Nyberg (1935), veio a existir, pela primeira vez, através do trabalho de uma “comunidade judaica pós-exílica”. Então ele data o Velho Testamento como literatura escrita no início do mesmo tempo entre a destruição de Jerusalém (587 a.C.) e os dias de Macabeus.

A segunda pressuposição sugere que existe um relacionamento direto entre a forma literária, as instituições sócio-culturais e o conteúdo do Velho Testamento. A compreensão do conteúdo do texto do Velho Testamento é necessária para reconstruir seus contextos sócio-culturais. A relação entre os dois – texto bíblico e contexto sócio-cultural – foi dito ser o “assentamento vital” do texto, que lhe deu a “forma” final. Essa “forma” pode ser hinos, provérbios, lendas, romances, profecias, etc. O estudo da Bíblia, então, requer a reconstrução do assentamento vital. Dessa moderna reconstrução do assentamento sócio-cultural, os críticos interpretam a unidade textual do Velho Testamento.

Finalmente, a terceira pressuposição estabelece que o texto do Velho Testamento apenas pode ser interpretado com a ajuda do fenômeno sociológico construído sobre lingüística contemporânea, antropologia, e sociologia. É muito estranho, mas os críticos da forma consideram que as leis da sociologia contemporânea, antropologia e lingüística trabalharam para formar material bíblico. Portanto, o texto cresce de pequenas unidades (formas curtas) a longas formas, como apresentadas no texto do Velho Testamento.

É preciso fazer um grande esforço de adaptação e uma tremenda dose de rejeição das pressuposições bíblicas para aceitar que nossa compreensão do seu material depende de mitos vazios transmitidos oralmente de improváveis assentamentos sociais reconstruídos, e das altamente mutantes leis da lingüística, sociologia e antropologia. Se este era realmente o caso, eu duvido que pudéssemos recuperar qualquer conteúdo importante do texto bíblico. Mas este problema torna-se pior quando o criticismo da forma é usado para estudar o texto do Novo Testamento.

Isto se deu em 1919, quando muitos estudiosos alemães do Novo Testamento – entre eles Martin Dibelius (1883-1947), Karl Ludwig Schmidt (1891-1956), e Rudolf Bultmann – aplicaram esse criticismo aos evangelhos. Sua tarefa impossível era recriar o texto original do texto existente nos Evangelhos Sinóticos, cujas palavras ou ações eram realmente a palavras e os atos de Jesus, e que a eles foram acrescentadas pela Igreja apostólica.

Os críticos da forma do Novo Testamento aplicam muitas pressuposições das quais mencionaremos algumas.

Primeira, e a mais importante, é que “tradição consiste basicamente de declarações individuais e narrativas associadas aos evangelhos pelo trabalho dos editores”. Não havia escritores realmente inspirados, apenas editores trabalhando com narrativas e ditos.

Segunda, a tradição orientava e servia à Igreja, suas necessidades e propósitos. De acordo com M. Dibelius, essa Igreja surgiu das igrejas helenísticas antes de Paulo associadas ao judaísmo. Eles configuraram a forma de tradição a partir de seus interesses missiológicos. Foi a Igreja, não a inspiração divina, que deu forma e conteúdo às narrativas missionárias.

Terceira, a tradição dos Sinóticos pode

ser classificada em harmonia de “forma” e estilo. A forma, originada da Igreja apostólica, permite recriar a história da tradição. O conteúdo do Evangelho não vem de Deus, mas da situação vital da Igreja.

Como ocorrem mudanças de situação na vida da Igreja, ela cria diferentes formas de narrativas. Se em necessidade de pregação e ensino, ela produz paradigmas ou narrativas de atos de Jesus, para ilustrar e apoiar a mensagem. Se a questão é o prazer da narrativa, a Igreja produz novelas ou histórias de milagres. Outras formas, segundo M. Dibelius, foram mitos, contos e a narrativa da Paixão.

Rudolf Bultmann atribuiu a mesma experiência para a Igreja criar formas às quais deu diferentes nomes: *ditos do Senhor* que incluem provérbios, declarações proféticas ou apocalípticas, leis e normas para a comunidade. *Contos*, através dos quais Jesus falou a respeito de Si mesmo, Seu trabalho e Seu destino; e *narrativas materiais*, compostas de histórias de milagres, contos e narrativas históricos.

Apenas os nomes que eles escolheram para o que chamam “formas” mostram muito claramente como consideravam o Novo Testamento – uma literatura humana desprovida da revelação de Deus. E isso além do fato de que cada crítico desenvolveu seu próprio conceito de formas. Por que deveria eu, ou qualquer cristão, escolher a visão de Dibelius, Bultmann, ou qualquer outro, em lugar dos ensinamentos e conteúdo do Novo Testamento? Só por causa do eruditismo? Evidentemente eu valorizo o conhecimento tanto quanto qualquer adventista do sétimo dia, mas não a ponto de pagar um alto preço por ele. A revelação de Deus é absolutamente vital. Ela conta mais que o conhecimento humano. Conduz ao conhecimento da própria salvação. Como poderia eu rejeitar a verdade revelada de Deus e substituí-la por imaginárias especulações de homens? Eu não poderia fazê-lo e ao mesmo tempo permanecer honesto a Deus e à minha herança cristã.

Desde que Bultmann é o mais influente crítico da forma e seu prestígio é muito forte hoje, é necessário ter uma visão de algumas outras suposições das quais seus ensinamentos foram desenvolvidos. Em 1921, foi publicada a primeira edição do livro *History of Synoptic Tradition*. Sua aproximação feita dos Sinóticos, a partir de um levantamento históri-

co, requer uma explanação do seu conceito da história em geral e da história dos evangelhos em particular.

História, para Bultmann, era a mesma coisa que representava para qualquer outro crítico moderno – uma série de eventos cercados de causas e consequências naturais. Sem nenhuma interferência sobrenatural ou intervenção divina de qualquer tipo.

Até onde a História dos Evangelhos é afetada, ele não viu diferença alguma da História Geral. Não houve milagres, nem inspiração divina, nem qualquer tipo de revelação, nem obra de poderes sobrenaturais. Os evangelhos eram trabalhos literários puramente humanos, o produto das influências religiosas e históricas na comunidade, e seu conteúdo enquanto eventos de salvação, não pode ter acontecido realmente na História. Portanto, os evangelhos, como qualquer outro livro histórico, eram objeto e deviam ser submetidos à avaliação crítico-histórica.

Esse método crítico como é aplicado por Bultmann a Jesus, por exemplo, deve produzir o seguinte quadro: Jesus foi apenas um professor ou profeta judeu humano. Ele ensinou que Deus enviaria o Filho do homem “que ressuscitaria da morte, julgaria todos os homens, conduziria o presente mundo corrompido a um fim, e estabeleceria um reino celestial.” Jesus nunca disse que Ele era o Filho do Homem.

A Igreja – de acordo com Bultmann – chegou a esta conclusão através de um processo crescente, o qual começou em Jerusalém, quando os discípulos creram que Jesus ressuscitou dos mortos. Continuou a crescer quando eles se convenceram de que o Mestre ascendeu ao Céu e voltaria brevemente como o Filho do homem para estabelecer o Reino de Deus na Terra. Até agora tudo isso foi desenvolvido dentro da igreja cristã palestina e fruto de sua própria invenção.

O próximo passo da evolução ocorreu entre os cristãos gentios que deixaram seus antecedentes orientais de religiões misteriosas e introduziram o conceito que Jesus também era uma deidade a ser cultuada. Tal processo, que uniu a fé palestina à helenística, segundo Bultmann, teve lugar antes dos escritos atuais dos evangelhos. Ele data de algum tempo entre 70 e 100 d.C. Portanto, ele diz, muito do conteúdo dos evangelhos foi “originado deliberadamente pelas comunidades cristãs palestina e helenística em resposta a específicas necessidades de expansão.”



Leandro

Finalmente os evangelistas introduziram suas próprias contribuições quando eles escreveram os evangelhos.

Assim, que temos nós a fazer sobre o Jesus histórico e Seus reais ensinamentos nos evangelhos? De acordo com Bultmann, muito pouco. Jesus existiu, viveu, e morreu na Palestina, há cerca de dois mil anos. Mas as narrativas presentes nos Sinóticos são mitos que, “como contos de ocorrências sobrenaturais, não são históricas.” Que dizer a respeito dos ensinamentos de Jesus? Bultmann responde: “Nós não podemos definir com certeza a extensão da autenticidade das palavras de Jesus, mas estamos em condições de distinguir os vários níveis de tradição.”

Eu não vejo nenhum valor espiritual num método de estudo da Bíblia baseado em um anti-sobrenaturalismo racionalístico, uma rejeição da Bíblia como a Palavra de Deus, uma teoria da origem da fé cristã, e uma compreensão sócio-cultural-lingüística de seu conteúdo. Nenhum crescimento espiritual cristão poderá advir de tal artifício.

**Criticismo da redação** originou-se do criticismo da forma, que via os escritores dos evangelhos como redatores sem personalidade própria. Essa compreensão transforma os autores evangelistas em indivíduos sem idéias teológicas pessoais. Tal problema sugeriu a alguns teólogos alemães, depois da Segunda Guerra Mundial, o estudo da “motivação teológica” dos auto-

res dos evangelhos e “como isto é revelado na coleção, no arranjo, na edição e modificação do material tradicional, e na composição do novo material ou na criação de novas formas dentro das tradições do cristianismo primitivo.”

Os teólogos alemães eram Günter Bornkamm, que trabalhou com Mateus, Hans Conzelmann, que pesquisou Lucas, e Willi Marxsen, que estudou Marcos. Eles trabalharam independentemente, mas com a mesma aproximação. As idéias de Bornkamm apareceram primeiro. Professor da Universidade de Heidelberg e membro da direção da escola Bultmanniana, em 1948 ele publicou um pequeno artigo no jornal teológico da Escola de Bethel, que hoje está disponível em um livro publicado por dois de seus discípulos – Gerhard Barth e Heinz J. Held – intitulado *Tradition and Interpretation in Matthew*. Comparando o relato da tempestade, em Mateus 8:23-27 com Marcos 4:35-41, ele argumenta que Mateus a interpreta, colocando-a em um novo contexto e deu-lhe um novo significado. Ele não foi um mero coletor de material mas um teólogo usando-o para seus propósitos evangelísticos.

Hans Conzelmann é o mais importante crítico da redação. Seu livro, publicado primeiramente em alemão, no ano de 1954, *Die Mitte der Zeit* (O Centro do Tempo), foi traduzido para o inglês e publicado em 1960 como título *The Theology of St. Luke*. Olhando para a teologia do autor do evangelho, segundo a suposição básica do criticismo da redação, Conzelmann transforma Lucas, o primeiro historiador da Igreja, em um teólogo autoconsciente, com uma forte motivação histórica. Segundo ele, Lucas escreve para resolver o problema de fé e história em geral e a “questão do Jesus histórico”, em particular.

Conzelmann argumenta que Lucas concentrou-se na “história salvadora” e a desenvolveu em três estágios. Primeiro, o período de Israel. Segundo, o período do ministério de Jesus, ao qual ele chama “o centro do tempo”. Terceiro, o período da Igreja, de Jesus até a *parousia*, o clímax de todas as coisas. Com esta aproximação, Conzelmann pensa que Lucas tenta resolver o problema da “demora da *parousia* e a subsequente necessidade da igreja colocar termo à sua coontinuada existência no mundo.”

A suposição básica de Conzelmann – Lucas manipulou suas fontes para conseguir seus objetivos teológicos; utilizou Marcos e *Documento Q* como fontes, e o estudo de seu evangelho deve ser focalizado sobre a estrutura da unidade das fontes além das formas posteriores da tradição – elimina a possibilidade de se estudar o Evangelho de Lucas como a Palavra de Deus.

Willis Marxsen, o terceiro originador do criticismo da redação, apresentou sua tese à Universidade de Kiel, na Alemanha, em 1954. Ela consistiu de quatro estudos críticos sobre Marcos. Em 1969, foi publicada em inglês com o título *Mark the Evangelist*. Marxsen dedicou a primeira parte do livro a uma apresentação sistemática do novo método ao qual denominou História da Redação e o restante aplicou ao Evangelho de Marcos.

---

---

*As Escrituras  
não foram  
dadas por causa  
dos eruditos,  
mas para  
a salvação  
da humanidade.*

---

---

Na primeira parte, Marxsen contrasta o criticismo de redação com criticismo da forma. 1) Os evangelistas não são meros coletores de tradição, eles foram autores reais em seu próprio direito. 2) Criticismo não está preocupado com quebra de tradições em pequenas unidades, nem com a maneira pela qual essas unidades vieram à existência. Melhor, está preocupado com ampla unidade e “forma” particular do Evangelho em si, incluindo o propósito de sua formação. 3) Criticismo da forma é insuficiente para compreender o novo passo tomado por Marcos em usar sua fonte material para produzir o Evangelho como algo novo e diferente disso. O Evangelho é a nova “forma” criada por Marcos com propósitos teológicos. Mateus e Lucas herdaram-na dele e a usaram com o mesmo pro-

pósito. 4) O assentamento vital para trabalhar não é o assentamento vital de Joaquim Jeremias sobre a vida de Jesus, nem o dos críticos da forma sobre o trabalho da Igreja apostólica, mas o assentamento e propósito do evangelista.

O criticismo da redação é construído sobre a suposição de que Marcos e *Documento Q* são as fontes de Mateus e Lucas. O que aconteceria se alguns eruditos provassem que esse não é o caso? William R. Farmer, em 1976, publicou um livro intitulado *The Synoptic Problem* buscando “demonstrar que a idéia da prioridade de Marcos é altamente questionável.”

Dentro do método crítico-histórico há uma constante moção do que os novos críticos considerariam uma melhor abordagem. Por exemplo, partir-se do criticismo da fonte, para o criticismo literário, para o criticismo da forma, e agora para o criticismo da redação. Porventura teriam chegado os eruditos ao método imutável e perfeito? Seguramente não. Este é um processo que nunca finda. Por que, então, defender qualquer método crítico particular como se ele fosse realmente o único verdadeiro?

Jamais haverá um verdadeiro método crítico final. Por que? Provavelmente porque os críticos não estão trabalhando com o evangelho real, mas com alguma coisa – fontes, assentamentos vitais, formas, objetivos teológicos, e assim por diante, nunca findando, porque o trabalho erudito, quando realizado por e para si mesmo, está sempre numa situação infundável, jamais chegando a sua própria perfeição. A Escritura não foi dada por causa dos eruditos, mas para a salvação da humanidade. Qualquer tipo de estudo da Bíblia que esquece seu propósito salvador perde o melhor conteúdo das Escrituras e nunca será um caminho para a condução da pessoa humana a Deus, tampouco produzirá uma melhor compreensão entre os seres humanos. Uma aproximação das Escrituras como a palavra do homem, implica perda de alguma coisa, inclusive da humanidade.

Na segunda parte, o tratado de Marxsen sobre o texto de Marcos é uma maneira de mudar quase tudo o que ele sustentou. Uma prova de seus quatro principais objetivos deveria ser suficiente – João Batista. Marxsen argumenta que a forma usada por Marcos para apresentar sua fonte material mostra que isto é sua própria composição.

Marcos, diz ele, compôs seus materiais “invertidos”. Seu propósito não era dizer-nos qualquer coisa histórica a respeito de João Batista, mas teologizar sobre Jesus. Portanto, “João Batista não tem qualquer significado independente de si mesmo; não pode haver ensino sobre ele nem sobre o batismo; mais ainda, tudo o que é dito sobre João Batista já foi efetivamente dito sobre Jesus.”

A referência sobre João Batista vindo do deserto – “a voz do que clama no deserto... apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão dos pecados” (Mar. 1:3 e 4) – não é uma referência geográfica, mas uma declaração teológica. “Essa referência não tenciona dar uma localização para o trabalho de João... ‘no deserto’ qualifica-o como alguém que cumpriu a profecia do Velho Testamento.” Semelhantemente a referência do tempo. Quando Marcos diz: “Depois de Jesus ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de

Deus” (1:14), seu intento não era dizer que o ministério de Jesus começou depois. Da mesma maneira e com o mesmo propósito teológico, o fim da “história” de João começou depois do início da “história de Jesus”.

Essa maneira de trabalhar o texto não conduz o leitor a ler o que está lendo, mas algo mais. Alguma coisa que os críticos querem que ele leia. Quais críticos? Os contemporâneos. Um método para estudar um texto é designado para ajudar o leitor. É a crítica da redação uma real ajuda? Tanto quanto eu percebo, da pressuposição de que a Bíblia é a inspirada “Palavra de Deus”, a resposta é não.

Quase chegamos ao fim do método crítico-histórico, mas não vimos ainda o moderno método crítico-científico. Há pelo menos um, muito recente, que deve ser considerado antes de tratarmos de dois eruditos do Novo Testamento treinados no método crítico-histórico. Esse é o método mais humanístico de todos eles. (*Continua*)